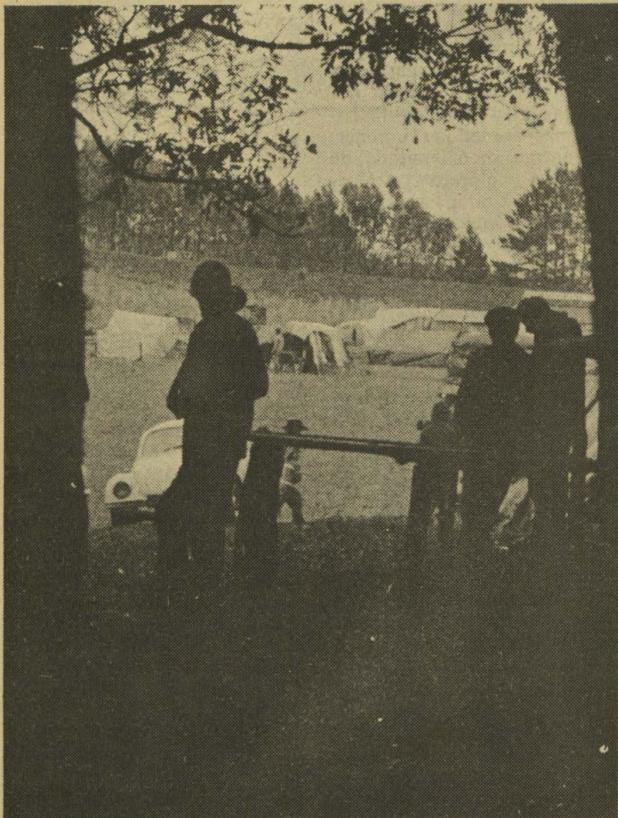


# Tribuna da Luta Operária

ANO VII - Nº 242 - DE 11 A 17 DE NOVEMBRO DE 1985

Cr\$1500



"Nossos filhos terão um futuro", sonham as mães do acampamento

## Primeiro teste da Nova República Vitória à vista em mais de 80% das capitais

Num novo comício político, às vésperas do dia 15, as mudanças no papel de cada partido. O favoritismo e os pontos fracos do PMDB. A retransição do PFL. PDT, PT e PCB adotam linhas convergentes. PDS, o maior dos derrotados. Pág. 3

## Greve dos 500 mil triunfou

Metalúrgicos e outras categorias de São Paulo arrancam na luta novas conquistas. Páginas 7 e 10



Alegria e confiança em um dos gigantescos piquetes metalúrgicos que percorrem as fábricas da Zona Sul.

## Fome e esperança entre os sem-terra da fazenda Annoni

Na zona gaúcha do Alto Uruguai, marcada por tantas lutas camponesas, 2.500 famílias, acampadas numa terra improdutiva, querem o direito de cultivá-la. Página 6

EDITORIAL

### Na boca da urna

A poucos dias do pleito de 15 de novembro já ficou clara a perspectiva de uma vitória das forças democráticas em todo o Brasil. E no geral, dentro do universo de novos prefeitos salienta-se a renovação de lideranças, dando lugar na maior parte dos casos, a políticos mais esclarecidos, mais progressistas. Exatamente onde este processo não se realizou e os conservadores do PMDB impuseram candidatos contrários ao movimento de mudanças, o quadro político ficou mais difícil, como no Rio.

Por outro lado, constata-se uma mobilização de recursos fabulosos pelas forças direitistas, em pleno processo de rearticulação. Até nos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores a direita tratou de intervir. Seja atacando o patronato para recusar negociações razoáveis - procurando assim um impasse - seja estimulando as provocações policiais e mesmo alimentando, dentro do movimento popular, ações inconseqüentes, que facilitem a intervenção da repressão. Isto sem contar a propaganda milionária e o apelo às calúnias e trapaças.

Um capítulo à parte foi a atividade diversionista do PT. Não se pode negar que este argumento alcançou certos êxitos, embora de pouco fôlego, no esforço para confundir a opinião pública. Em São Paulo por exemplo, embutido numa desesperada campanha de desmoralização da Nova República e das conquistas democráticas alcançadas pelo povo, o "produto" Matarazzo Suplicy foi vendido como sabonete, cheiroso, bonito, "diferente de tudo". Por outro lado não foi possível evitar novas divisões no interior do PT e a recusa de várias de suas lideranças a fazer o jogo suicida da divisão dos votos progressistas.

Chegamos agora na reta final. Uma derrota maciça da direita pode frustrar os seus planos de tumultuar as transformações pro-

gressistas. E junto com os conservadores, as cúpulas petistas e pedetistas amargarão também o fracasso. A tendência que se confirmará é a de fortalecer a transição democrática e de ampliar os espaços para a luta popular.

Mas seria grave equívoco cair na tentação do "já ganhou", onde a vitória é provável, ou no desânimo, onde as coisas estão difíceis. Não estamos apenas disputando uma vantagem numérica. Uma grande vitória tem peso político diferente de uma eleição por poucos votos na frente. E o raciocínio vale nos casos em que as forças democráticas estão em desvantagem - trata-se, em qualquer caso, de obter a maior adesão popular possível para o movimento em favor das mudanças.

A última semana, em particular a boca de urna, toma assim particular importância. Diante das alterações rápidas do quadro nacional e dos artifícios empregados na campanha eleitoral, o número de indecisos é bastante elevado. A definição de muitos eleitores se dá na hora do voto. Cada trabalhador e cada democrata, atuando organizadamente junto aos milhares de ativistas já mobilizados para o dia 15, cumprirá imenso papel ajudando a fornecer argumentos na boca de urna. Não basta ter a consciência limpa de votar certo. A batalha política pela liberdade exige um esforço concentrado para conquistar o eleitor ainda indefinido.

A vitória das forças democráticas e a derrota dos direitistas e diversionistas terá também como aspecto importante uma maior desmoralização da cruzada anticomunista. Em todo o Brasil, os comunistas apoiam e participam da campanha dos candidatos mais democráticos. Aparecem com suas bandeiras, tornam-se conhecidos do povo. E, desmentindo a falsa propaganda sobre o atraso dos brasileiros, os candidatos apoiados pelo PC do B saíram vencedores na imensa maioria dos municípios.

### Aldo fala da UNE na fase da legalidade



O deputado autor do projeto recém-sancionado que reconhece oficialmente a UNE, salienta que isso, longe de enfraquecer, reforça ainda mais a autonomia e independência da entidade. P.6

### Trabalhadoras preparam seu 1º Congresso

Convocado para 17 de janeiro em São Paulo, o primeiro Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora. Leia na pag. 6



### Argentina vota em peso contra o terror fascista

Na voz das urnas argentinas, um ensinamento para o Brasil. No Peru, revolta nacional contra a chantagem ianque. Página 2

### CDM

Albânia não faz barganha com o marxismo-leninismo fundado no terror. Página 5



Argentinos em comício eleitoral: as urnas falaram contra as tentativas de golpe

## Argentinos repudiam manobras golpistas

Uma grande manifestação de apoio à democracia e repúdio à direita golpista. Assim foi o resultado das eleições para a renovação da Câmara dos Deputados, Assembléias Provinciais e Câmaras Municipais, realizadas no último dia 3 na Argentina. A União Cívica Radical (UCR), do presidente Raul Alfonsín, saiu vitoriosa, obtendo mais de 40% dos votos.

Enquanto a UCR ampliou sua posição na Câmara, onde já detinha maioria absoluta, a direita amargou novas derrotas nos vários partidos em que concorreu. A União do Centro Democrático, organização que reúne de forma homogênea interesses reacionários, conseguiu apenas 3,8% dos votos.

Quem mais perdeu, porém, foram os peronistas agrupados no Partido Justicialista, com 24%, percentual inferior em 6% ao resultado alcançado no pleito de 1963. E, mesmo no interior desta corrente, há uma particularidade que deve ser considerada: a derrota atingiu especialmente os setores vinculados à extrema-direita.

O secretário-geral do Partido Justicialista, Hemínio Iglesias, conhecido por suas estreitas ligações com os generais golpistas (chegou a adotar posição contra o julgamento e punição dos che-

fes militares responsáveis pela tortura e assassinato de milhares de argentinos), experimentou um verdadeiro desastre eleitoral: na província de Buenos Aires, considerada até pouco tempo sob seu domínio, o Partido Justicialista ficou em quarto lugar.

Em Catamarca, feudo político do senador Vicente Saadi, presidente da agremiação peronista e da mesma linha de Iglesias, os justicialistas também ficaram atrás da UCR. Por sua vez, a dissidência peronista, reunida na "Frente Renovadora", liderada por Antonio Cafiero (que não comunga com as idéias de direita do partido) fez quase três vezes o número de votos que a corrente oficial, ficando em segundo lugar nas eleições. Mesmo o Partido Intransigente, democrático, com 6% (um ligeiro avanço em relação à posição conquistada em 1983), colocou-

se acima dos peronistas liderados por Iglesias e Saadi.

### TRIUNFO DA DEMOCRACIA

"Todos os argentinos têm algo a festejar, que é o triunfo da democracia", comentou o presidente Raul Alfonsín. De fato, o resultado constitui uma clara resposta do povo "aos extremistas de direita", conforme observou o ministro do Interior, Antonio Troccoli.

O pleito foi realizado em meio ao estado de sítio, decretado por Alfonsín para barrar as ameaças golpistas, legitimando a prisão de seis militares e seis civis envolvidos numa conspiração reacionária e em atentados voltados contra a democracia. O estado de sítio, contudo, não limitou a liberdade de propaganda partidária nem perturbou o direito de voto.

A extrema-direita, por seu lado, não desistiu das tentativas de sabotar a democracia argentina. Na terça-feira passada, dois dias após as eleições, terroristas vinculados aos militares explodiram uma bomba no altar da igreja de Santo Inácio, em Buenos Aires.

## Peru não se dobra diante da nova investida imperialista

"Deteriorado é o sistema capitalista internacional, que chegou a uma situação fimeite". Com essas palavras, o presidente do Peru, Alan García, respondeu à decisão do governo norte-americano de declarar a dívida externa peruana como "valor deteriorado" - o que equivale a considerar o país inadimplente, "no mesmo grupo não muito seletivo dos que não têm capacidade de pagamento" (caso, entre outros, da Bolívia), como observou o presidente do Banco Central do Peru, Richard Weeb.

Em momento algum o Peru declarou-se inadimplente. A resolução unilateral do governo Reagan constitui, por isto, mais um ataque aberto à soberania da nação peruana. O objetivo é transparente: os EUA não aceitam a decisão política adotada por Alan García, de designar apenas 10% do valor das exportações ao pagamento das dívidas externas. Exigem a capitulação pura e simples aos interesses

dos credores, sob a salvaguarda do FMI.

Mas a arrogância yanque não dobrou nem o governo nem o povo peruano. Políticos de diferentes partidos não vacilaram em classificar a decisão norte-americana como "uma verdadeira agressão imperialista". Alan García não ficou só nas palavras. Reagiu com atitudes firmes e enérgicas, adotando medidas contra as companhias petrolíferas norte-americanas Belco Petroleum, Occidental Petroleum e Oxy-Bridas (que terão de reinverter nos próximos quatro anos 627 milhões de dólares dos lucros obtidos, sob pena de imediata desnacionalização); e, ainda, congelando até abril todos os certificados de depósitos bancários em dólares. "Foi uma represália externa, frente à qual o povo peruano se levantará", acentuou o presidente, acrescentando: "Chamam valor deteriorado aos países que consideram mal pagadores. Porém, não fui eleito para

pagar uma dívida injusta, mas para garantir o desenvolvimento e os interesses do povo".

O Senado peruano aprovou por unanimidade uma moção de protesto "à agressão econômica do governo dos Estados Unidos ao pretender nos submeter e nos impor as regras do FMI". A mensagem, subscrita por todos os partidos, apóia todos os atos do governo e conclama a "que mantenha uma atitude firme e enérgica diante da agressão. A degradação do crédito peruano", ressalta ainda, "obriga a responder com mais trabalho e produção. O Peru segue a Nicarágua em ser vítima por sua posição antiimperialista". Diversos setores políticos, organizações de trabalhadores, empresários e intelectuais condenaram o governo Reagan, ao mesmo tempo em que pediam a Alan García "mão dura na relação com os EUA".

O economista Oscar Ugarteche disse que a saída, agora, "é proceder imediatamente à declaração da moratória unilateral". O prefeito de Lima, Alfonso Barrantes, presidente da Esquerda Unida, que concorreu à Presidência nas últimas eleições, convocou, junto com outras forças políticas, uma grande manifestação unitária para o dia 8, no centro da cidade, que deverá culminar numa caminhada até a embaixada dos EUA em "repúdio à agressão imperialista". Desta forma, as forças democráticas e patrióticas peruanas dão mais uma demonstração de que não irão se vergar frente à ganância dos banqueiros yanques.

(Umberto Martins)

## Chineses vêm ao Brasil aprender entreguismo

O primeiro-ministro chinês Zhao Ziyang encerrou no dia 5 uma viagem de cinco dias ao Brasil. Cercada de uma série de aparatos, como a quebra de protocolos do presidente Sarney, que recebeu Ziyang pessoalmente no aeroporto, a visita teve como prato principal o interesse dos chineses em conhecer os projetos entreguistas como o de Carajás, talvez para aproveitar a experiência em iniciativas semelhantes lançadas na China de Deng Xiaoping.

Elogios rasgados ao potencial natural do país e às posições de José Sarney frente à dívida externa deram o tom dos pronunciamentos de Zhao Ziyang. O premiê chinês ressaltou em todos os instantes as "semelhanças entre China e Brasil", ambos, segundo ele, países "em desenvolvimento" e vítimas das grandes potências.

Atrás desta retórica parece estar a determinação dos dirigentes revisionistas chineses em aprofundar seus laços econômicos com os países dependentes, um mercado explorado quase que exclusivamente pelos Estados Unidos e a União Soviética. Não é por acaso que Ziyang esteve além de no Brasil, na Colômbia, Argentina e outros países da América Latina.

A escolha dos países dependentes, o chamado "terceiro mundo", não é casual. O grau de desenvolvimento industrial da China, ainda intermediário, não permite a disputa direta com as metrópoles imperialistas. O comércio chinês com os EUA cresceu, mas puxado pelas exportações americanas, que aumentaram 50% em 1984. É, portanto, um comércio deficitário, onde a China procura principalmente adquirir produtos industrializados que ainda não tem condições de processar.

O perfil do comércio exterior chinês mostra-se, no total, deficitário. No ano passado, o déficit da balança comercial chinesa foi de 1 bilhão de dólares, devido principalmente às importações de manufaturados. E no primeiro trimestre deste ano, as importações cresceram de 54% em relação ao mesmo período de 1984.

### LIÇÃO DE ENTREGUISMO

É nesse ponto que se chega a um dos motivos especiais da visita do premiê chinês ao Brasil. A China busca, a todo custo, transformar-se em grande potência até o final do século. Para tanto, corre atrás da modernização de sua indústria - uma das chamadas "quatro modernizações" preconizadas por seus dirigentes. O caminho escolhido, porém, é semelhante àquele que trilharam - com o resultado que conhe-

ceramos - os generais golpistas brasileiros. Era de se esperar, portanto, que viessem aprender "in loco" com os mirabolantes projetos legados ao Brasil pelos militares.

O premiê chinês mostrou-se particularmente encantado com Carajás - pretendo mesmo lançar coisa semelhante na China. Hoje, mais de 31 multinacionais exploram as riquezas minerais daquele país, entre elas 20 norte-americanas. Ainda em junho deste ano, a Occidental Petroleum, do magnata yanque Hammer, assinou contrato de 650 milhões de dólares para a exploração de minério de carvão na China, naquela que é considerada a maior mina a céu aberto do mundo.

Desde 1983, funcionam na China certas "zonas econômicas especiais", abertas a investimentos estrangeiros. Até 1984, haviam sido fechados nestas "zonas" contratos no valor de 4 milhões de dólares. A experiência parece estar agradando aos revisionistas de Pequim, que pretendem estender as "zonas especiais" e ampliar a penetração do capital estrangeiro no país.

A China vem desenvolvendo há algum tempo a experiência das joint-ventures - empresas conjuntas com o capital estrangeiro -, e hoje mais de 48 delas operam no país. Neste campo, os chineses terminaram de estabelecer no Brasil, nesta visita, uma empresa mista para a produção e exportação de minério de ferro. Da mesma maneira, Zhao Ziyang tratou de contratos para transferência de tecnologia brasileira para a China nas áreas de transportes e informática.

Brasil e China acertaram ainda algum incremento no comércio de ferro (daqui para lá) e petróleo (de lá pra cá). Mas quem fala melhor sobre os "laços estreitos" que trouxeram Zhao Ziyang para o outro lado do mundo é o capitalista Frans Johnson, vice-presidente da Mesbal Trading. Ele aponta que a ambição chinesa de adquirir tecnologia de ponta "é o primeiro aspecto de aproximação com o modelo brasileiro". Este mesmo senhor Johnson é quem conta que "os hotéis chineses estão repletos de empresários interessados em fazer grandes negócios". Não é por acaso, portanto, que conhecidos entreguistas - opositores ferrenhos da reserva de mercado da informática e das empresas estatais - publicaram há algum tempo nos jornais um grande anúncio onde alinhavam as tomadas de posição chinesas em prol do entreguismo ao lado da significativa frase "A China abriu os olhos"...

(Sílvio Queiroz)



Tanques na rua contra os negros: violência racista fora do ar

## Regime sul-africano quer ocultar repressão

As imagens da violência racista branca sobre a maioria negra - que tem despertado tanta indignação na opinião pública mundial - não podem mais serem veiculadas. O governo sul-africano proibiu, a partir do início deste mês, que os fotógrafos e cinegrafistas da televisão, além do rádio, continuem documentando os tumultos raciais que já provocaram a morte de mais de 800 pessoas nos últimos 20 meses, a maioria negros mortos pela repressão policial.

O argumento do governo racista é que "a simples presença de câmeras de televisão (nos locais de conflito) freqüentemente atua como catalizador para novas ações violentas", embora esteja evidente que o objetivo seja reprimir os protestos dos negros com mais rigor e impunidade. A Associação dos Correspondentes Estrangeiros - existem 172 jornalistas estrangeiros e 268 nacionais

registrados no país - divulgou uma nota afirmando que "a sugestão de que os correspondentes possam ter alguma responsabilidade neste conflito social é reproduzir o erro dos reis medievais que matavam os mensageiros que lhes traziam más notícias".

Enquanto isso, em Londres, cerca de 100.000 pessoas participavam de uma manifestação de protesto contra o governo racista sul-africano - com a presença do líder do Congresso Nacional Africano no exílio, Oliver Tambo, e do pastor negro norte-americano Jesse Jackson. Os manifestantes entregaram uma carta na residência oficial da primeira ministra conservadora Margaret Thatcher, acusando o governo britânico de ser "cúmplice dos crimes do sistema de apartheid" e pedindo a decretação de sanções e o fechamento da embaixada na África do Sul.

## Hondurenhos acusam governo por mortes

Duas organizações de direitos humanos de Honduras acusaram o presidente Roberto Suazo Cordova de estar envolvido no desaparecimento de 163 pessoas e nos assassinatos políticos de outros 330 nos últimos quatro anos. O Comitê de Defesa dos Direitos Humanos e o Comitê de Familiares de Detidos e Desaparecidos divulgaram uma declaração conjunta, no dia 1º, em que afirmaram que "Suazo Cordova tem atuado com plena consciência de seu papel como avalista dos projetos de contrainsurgência para o Exército, que conta com o respaldo operacional da CIA norte-americana, e que tem servido para eliminar centenas de patriotas".

No dia anterior, o jornal hondurenho *Tiempo* havia publicado uma longa reportagem sobre o "principal centro de instrução militar" da somozista FDN (apoiada pela CIA e que luta para derubar o governo nicaraguense), localizado a apenas 10 Km de Tegucigalpa, a capital de Honduras, e a poucos metros da escola militar "Francisco Morazan". Segundo o *Tiempo* o quartel general somozista foi ampliado recentemente para poder receber 4 toneladas da primeira remessa de "ajuda humanitária" dos EUA.

## Músico condena a opressão yanque

"Quero gritar um pouco, porque às vezes parece que não existe o Sul, parece que só existe o Norte. O Sul às vezes é tomado como pálio traseiro do Norte, onde eles guardam o que não gostam, experimentam o que não experimentam em sua casa, contratam o pessoal para fazer os trabalhos que eles não querem fazer - e onde exploram". Essas declarações foram feitas, dia 1º, pelo cantor catalão Joan Manuel Serrat, ao chegar a Porto Rico - território caribenho sob dominação norte-americana - para divulgar seu disco *O Sul também existe*, composto de músicas escritas pelo poeta uruguaio Mario Benedetti.

Segundo Serrat, os poemas de Benedetti são "um trabalho político ligado à realidade latino-americana".

E apesar do teor amargo, reflexo dessa realidade, Serrat acredita que Benedetti "é um grande otimista", apenas tem os pés no chão.

## Direita holandesa instalará mísseis

Apesar da crescente oposição popular, o governo democrata-cristão holandês cedeu às pressões dos EUA e decidiu, no dia 1º, instalar 48 mísseis nucleares Cruise na Holanda, sob o argumento, fornecido por Washington, de que a URSS aumentou de 378 para 411 o número de seus mísseis SS-20 em território dos países membros do Pacto de Varsóvia. A instalação dos mísseis na Holanda é parte de um plano da Otan que prevê, até 1988, o estacionamento de 108 mísseis Pershing na Alemanha Ocidental e 464 Cruise na Grã-Bretanha, Bélgica, Itália e Alemanha Ocidental.

Enquanto a portas fechadas o gabinete do primeiro-ministro Ruud Lubbers decidia a instalação das armas atômicas em território holandês, milhares de manifestantes protestavam em frente do palácio do governo e mais de 100.000 crianças boicotavam as aulas. Segundo pesquisas, a maioria da população é contrária ao estacionamento dos Cruise na Holanda e o governo recebeu, no final do mês passado, um abaixo-assinado de 470.000 pessoas - mais de um quarto da população - manifestando essa opinião.



"Povo se levantará contra a represália", assegura Alan García.

# AS CAPITAIS EM CAMPANHA ELEITORAL

São Paulo

## Tudo pelo comício e a boca de urna

Sempre precavendo-se contra o clima de "já ganhou", mas buscando um ritmo intenso e confiante que "vai ganhar", a candidatura Fernando Henrique Cardoso concentra-se agora em dois eventos decisivos para a sorte das eleições em São Paulo: o comício de encerramento, dia 12, e a organização da boca de urna, no próprio dia da votação.

O comício, marcado para as 17 horas, na Praça da República, deverá se constituir numa demonstração de força dos setores que sustentam a candidatura do PMDB - mais ainda porque no mesmo dia, a cerca de mil metros dali, na Praça da Sé, os janistas também devem realizar um ato público. Diversas passeatas estão sendo programadas para dirigir-se à República, arrastando um público que para alguns pode passar de 100 mil pessoas.

Também é de 100 mil a estimativa de participantes da boca de urna, que durante o próprio dia 15 terão a missão de convencer a parcela ainda indecisa do eleitorado a votar em Fernando Henrique. Embora elevada, a meta é possível, pois até a tarde do dia 5 já havia 58 mil inscritos, e o horário gratuito do PMDB na televisão passou a dirigir-se diretamente ao povo, pedindo voluntários para esta tarefa decisiva. O PC do B paulistano avalia que poderá contribuir com 12 mil militantes para ajudar a vitória das forças democráticas.

Em contraste com este estilo, baseado na mobilização voluntária e consciente, a candidatura Jânio Quadros - a quem não falta dinheiro de seus financiadores banqueiros do PFL - já começou a contratar um grande número de assalariados para fazer sua boca de urna.

Os janistas também perderam um ponto durante a grande greve que encerrou-se quarta-feira com a vitória dos operários e sem

### Um voto que abala o PT

"E como um destróier que eu perdi numa batalha", confessou, desolado, o candidato petista Eduardo Suplicy. Na véspera, durante o horário gratuito na TV, Fernando Henrique Cardoso lera uma carta de Madre Cristina Sodré Dória, ex-diretora do Instituto Sedes Sapientiae, apoiando sua candidatura. Madre Cristina, 83 anos de idade, colaborou incessantemente com a resistência à ditadura nos anos 60 e 70 e, tem considerável prestígio dentro do PT. Sem ser propriamente uma militante petista, vem incentivando o partido desde a sua fundação, por sinal num congresso realizado nas dependências do Sedes Sapientiae. No entanto, mesmo continuando a considerar-se petista, ela manifesta a convicção de que o melhor voto dia 15 é o voto em Fernando Henrique.

O posicionamento de madre Cristina, como outros (ver TO nº 241), evidencia a existência de uma corrente não desprezível, dentro do PT de São Paulo, que se dá conta da necessidade de somar os votos de todos os democratas para derrotar nas urnas a direita e seu candidato.

Na quarta-feira o PSB também retirou a candidatura do ex-deputado Rogê Ferreira, oficialmente, para reforçar a campanha por Fernando Henrique.

incidentes. Em vez dos choques sangrentos que eram a esperança do janismo, o que se viu foram milhares e milhares de grevistas com broches no peito onde se lia: "Fernando Henrique, pelo trimestral".



No parque da Redenção, o comício das mulheres

Porto Alegre

## Carrion denuncia aliança do brizolismo com o PDS

Em Porto Alegre, a Aliança Democrática (coligação PMDB-PFL-PCB-PC do B) demonstra ter condições de derrotar a reação e o populismo. Nos últimos dias, intensificaram-se os arrastões e visitas de casa em casa em favor da candidatura Carrion-Fogaça. Domingo, dia 3, à tarde, mais de 4 mil pessoas participaram de um comício na Restinga, precedido por uma concorrida caravana pelas ruas daquele bairro popular.

Tanto Carrion como Fogaça como os demais oradores voltaram a denunciar ali, com vigor, a natureza espúria das alianças que o PDT tem feito com o PDS. Foi essa aliança que garantiu a posse do atual prefeito biônico de Porto Alegre, um pedessista, graças aos votos dos deputados estaduais do PDS e PDT. Acordo similar foi acertado para a mesa da Assembleia Legislativa gaúcha. E agora, na cam-

panha eleitoral, os candidatos dos dois partidos usam a mesma linguagem de ataque às conquistas obtidas pelo povo com a Nova República.

No mesmo dia, parlamentares, trabalhadores, profissionais de nível universitário e estudantes promoviam um animado comício de mulheres em apoio a Carrion e Fogaça, no Parque da Redenção. Várias oradoras, entre as quais Mara Loguércio, representando o PC do B, destacaram compromissos da candidatura Carrion como o de criar o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

A vereadora Jussara Cony (PMDB) destacou que "são atos como este e outras atividades da campanha junto ao povo que demonstram a força da Aliança Democrática e a possibilidade da vitória, derrotando os demagogos e populistas empenhados em iludir o povo". (da sucursal)

# Novos papéis na cena política

As eleições do próximo dia 15 espelharão uma correlação nova entre as forças políticas em luta no Brasil. O velho quadro formado sob a ditadura já não existe. O cenário é outro e os atores, mesmo quando continuam no palco, interpretam papéis diferentes.

A antiga polarização entre defensores e adversários da ditadura cedeu lugar a outra, desdobramento da primeira, opondo quem empurra a Nova República para frente a quem quer que ela marque passo ou recue.

O peso de cada personagem deste novo quadro ficará mais nítido depois que as urnas confirmarem, por exemplo, se o próximo prefeito de São Paulo é o senador Fernando Henrique Cardoso. Mas o andamento da campanha já permite algumas conclusões.

A julgar pelas pesquisas, o PMDB tende para um resultado mais que satisfatório - inclusive em São Paulo, que é um capítulo à parte. Seus candidatos são os favoritos em 17 capitais - afora o caso de Recife, onde o peemedebista conservador Sérgio Murilo, com apoio do PFL, disputa com o progressista Jarbas Vasconcelos, também do PMDB.

É um desempenho semelhante ao de 1982, quando o PMDB teve maioria dos votos em 18 das 23 capitais. O desgaste que os especialistas dão por inevitável nos partidos que chegam ao governo, portanto, não se verifica no caso. Mesmo a nível estadual, algumas das situações mais folgadas - Belo Horizonte, Goiânia, Manaus - se verificam em capitais de Estados onde o governador é peemedebista.

Pesam aí diferentes fatores. Um primeiro é que ainda não se esgotou o programa mínimo democratizante do PMDB, e consequentemente seu potencial progressista. Soma-se a isso certo desafogo, mesmo limitado e precário, no crescimento econômico, nível de emprego e de salários, o que traz dividendos eleitorais para a Nova República. Por fim, os candidatos do PMDB via de regra estão comprometidos com a democratização. Representam uma renovação e um avanço inclusive em relação às candidaturas de 82. E têm o apoio de setores populares independentes do PMDB, como o PC do B.

Nas capitais onde esta combinação de fatores não existe situam-se as maiores dificuldades da legenda do dr. Ulysses. É o caso do Rio de Janeiro e de Recife, onde os candidatos oficiais do PMDB personificam a ala mais à direita, refratária à democratização e comprometida com o passado ditatorial. Daí a anemia profunda da candidatura do chaguista Jorge Leite, no Rio, e a cisão da legenda em Pernambuco. Conta-se também nesse rol o caso de São Luís, onde o candidato oficial do PMDB igualmente não emplacou por se opor à Nova República, só que com falsos argumentos esquerdistas.

### Em São Paulo a boca de urna vai decidir a batalha

Também na capital paulista a vitória de Fernando Henrique está à vista, mas às custas de uma disputa especialmente encarniçada, que só deverá se decidir na boca da urna, com a conquista dos indecisos.

Em São Paulo a direita, jogando pesado e com astúcia, recorre a um profissional da demagogia com a tarimba do ex-presidente Jânio da Silva Quadros. E uma parte do povo, radicalizada, insatisfeita, mas atrasada politicamente, deixa-se confundir pela propaganda janista que agita bandeiras sentidas como segurança e moralidade administrativa. O eleitorado janista é minoritário, cerca de um terço do total, mas a direita manobra com ele. Assim como manobra com uma reserva indireta - a dispersão de votos provocada pela candidatura do PT.

Nestas circunstâncias, depende

da reta final, do comício de conclusão e do trabalho no próprio dia 15, a garantia desta estratégica vitória sobre os Delfim Netto, Paulo Maluf e companhia.

### No PFL a busca de uma Nova República em marcha-lenta

O PFL, na maioria dos casos, subordinou sua conduta eleitoral aos planos de encerrar a transição democrática com uma solução de centro, materializados numa possível candidatura presidencial de Aureliano Chaves, atualmente ministro das Minas e Energia. Em São Paulo, apóia e custeia a campanha de Jânio Quadros. Em poucas capitais (Porto Alegre, Manaus, Aracaju) aceitou coligar-se com o PMDB, reeditando a Aliança Democrática que deu apoio à candidatura Tancredino-Sarney. Via de regra, lançou candidatos próprios, que centraram seu ataque contra as candidaturas mais progressistas. Em Recife, é o verdadeiro inspirador da cisão do PMDB e do lançamento de Sérgio Murilo como candidato.

Essa conduta indica uma tendência dominante, na direção do PFL, no sentido de segurar a marcha da Nova República. Não é, entretanto, uma postura monolítica. Há diferenças, por exemplo, entre as atitudes dos ministros Olavo Setúbal e Aureliano Chaves, de um lado, e de Marco Maciel, de outro, a despeito de serem os três peefelistas. Mesmo em São Paulo, o ex-governador Abreu Sodré, hoje no PFL, repudiou com vigor o apoio a Jânio. E no caso excepcional de São Luís do Maranhão, em que a postura petistóide do candidato peemedebista deixou aberto o espaço para uma candidatura avançada, que tem sido ocupada por Jaime Santana, do PFL. É ele que abre condições para a mais ampla participação dos movimentos populares organizados inclusive marcando um claro distanciamento com o governador do Estado, Luís Rocha, também peefelista mas marcado por um estilo reacionário e repressor.

A performance do PFL nas urnas tende a espelhar estas nuances. Não por acaso, a única capi-

tal onde ele aparece como favorito é justamente São Luís. São prenúncios de que as urnas deste mês irão desmentir as costumeiras afirmações peefelistas, de que o povo brasileiro é moderado por natureza e tenderia a votar num partido de centro.

O PDT, na antevéspera da eleição, aparece com chances apenas em duas capitais: Rio de Janeiro e Porto Alegre, sendo que nesta última pode ser derrotado pela candidatura de Carrion Júnior, da coligação PMDB-PFL-PCB-PC do B. Estas foram também as duas únicas capitais em que o partido de Leonel Brizola foi o mais votado, em 1982.

Positivamente, este é um desempenho que não se mostra à altura das desmedidas ambições de Leonel Brizola, de tornar-se presidente da República a qualquer custo, e se possível no ano que vem. Com isso em mente, o PDT fez alianças até com o demônio e com o próprio PDS, como em Cuiabá e Florianópolis, mas deve colher magros resultados.

### PCB seguiu a linha do PDT e PT, mas com resultado pior

Já o PT, fora do páreo em todas as capitais e outros municípios que votam dia 15, concorre tendo como ponto de referência exclusivamente seus interesses partidários. Mas pode vir a pagar caro por essa linha egocêntrica e tacanha, incapaz de enxergar os interesses de conjunto dos municípios em campanha, para não falar dos nacionais. Em São Paulo, concretamente, cada voto no PT dia 15 será meio voto para Jânio Quadros - que, sintomaticamente, cobre de elogios a conduta do partido de Lula. Em contrapartida, esboçou-se nos últimos dias um movimento entre os petistas mais lúcidos (veja ao lado), no sentido de apoiar a candidatura Fernando Henrique para dar combate ao adversário comum de todos os democratas.

Dentro da mesma linha do PT e do PFL encontram-se também os candidatos que o PCB de Florianópolis lançou em Sete capitais e vários outros municí-

pios. O PCB alegou, igualmente, que desejava se fortalecer enquanto partido, mesmo que isso prejudicasse os interesses gerais da luta por Prefeituras democratizadas e sensíveis aos clamores do povo.

No seu caso, entretanto, os resultados prometem ser tão negativos que beiram os limites da calamidade. Em Recife e Cubatão, onde os giocondistas diziam ter maiores chances e estarem "no páreo", seus candidatos contam com 1 a 2% do eleitorado. Nos demais municípios, nem isso. Abertas as urnas no dia 15, é possível que o Partidão - como costuma ser chamado, com forte dose de ironia - recolha bem menos votos que os obtidos em 1982, quando lançou candidatos pela legenda do PMDB.

### O troféu de maior derrotado de 85 já tem dono: é o PDS

A certeza mais segura nas eleições deste mês é quanto ao posto de maior derrotado, desde já em mãos do PDS. O partido dos ditadores militares, até bem pouco, reinava absoluto nas prefeituras das capitais e dos municípios "de segurança nacional", cujos governantes eram biônicos. Ainda em 1983, mesmo baqueado, pôde nomear os prefeitos de 13 capitais de Estado. Agora, só aparece com chances na pequenina Florianópolis - 200 mil habitantes - e ainda assim graças a uma aliança sem qualquer princípio com o PDT local.

O destrocamento do PDS, que durante duas décadas funcionou como bastião da reação mais ferrenha e servil da ditadura, é a maior evidência de quanto mudou o cenário político brasileiro durante os últimos dois anos. A direita, sentindo-se ao relento, já cogita inclusive de criar uma nova legenda, unindo o que sobrou dos pedessistas com áreas do PFL e do PTB - caracterizado como simples partido de aluguel. É a tese que o ministro Antônio Carlos Magalhães defende com insistência, de que "é preciso um novo partido" em que os setores mais reacionários possam agir, agora que já não dispõem da sombra dos generais. (Bernardo Joffily)

## SUPLEMENTO ESPECIAL Tribuna Operária

1º DE NOVEMBRO DE 1985

Cr\$500



Com tiragem de 300 mil exemplares, destinados ao município de São Paulo, vem de ser publicado um suplemento especial da Tribuna Operária sobre a batalha eleitoral na capital paulista. O suplemento, em quadradinhos, tem como personagens os operários da maior concentração industrial do país, e destina-se prioritariamente às fábricas onde o debate eleitoral tende a se intensificar após a vitória na greve da semana passada e com o acirramento do confronto Jânio-Fernando Henrique.

## AS CAPITALS EM CAMPANHA ELEITORAL



No ato de Casa Amarela e em todos os bairros, a multidão se incorpora à campanha

Recife

### Vibração popular dá força à candidatura de Jarbas

O bairro de Casa Amarela, o mais populoso de Recife, viveu no último dia três uma das maiores manifestações ocorridas naquela localidade. Cerca de 40 mil pessoas foram prestar seu entusiástico apoio à candidatura Jarbas Vasconcelos. Compareceram o ministro Fernando Lyra, o deputado Miguel Arrais, e diversas lideranças populares.

Já pela manhã o local foi tomado por uma caravana de mais de 500 veículos que foram preparar o evento. Buzinadas, panfletagens, arrastões, visitas de porta em porta, tudo com muita animação e participação ativa dos moradores - a tradição do bairro é de votar nos candidatos comprometidos com as causas populares e foi um baluarte na oposição à ditadura.

No mesmo horário o candidato dos conservadores, Sérgio Murilo realizava um comício milionário na praia de Boa Viagem, com imenso aparato de ônibus alugados e atrações de todo o tipo. Foi um fiasco. Além do número de participantes ficar muitíssimo aquém do alcançado pelo comício de Jarbas realizado uma semana atrás no mesmo local, todos os oradores, sem exceção foram vaiados pelo público presente. Para maior desespero dos murilistas, um avião voava pelo local trazendo uma faixa com os dizeres: "Veja o show e vote em Jarbas", sendo aplaudido todas as vezes que passava.

As 20 horas o pátio estava tomada pelo povo, com bandeiras e estandartes dos partidos que compõem a Frente Popular do Recife (80% do PMDB, PSB, PC do B, dissidentes do PT e do

PDT), destacando a unidade com Jarbas para mudar. Escolas de samba, orquestras de frevo vibravam com o acontecimento. Um detalhe importante no caso é que o povo encontrou meios próprios para se deslocar, não houve a mobilização de nenhum ônibus.

O primeiro orador foi o ministro da Justiça, Fernando Lyra, salientou que ali estavam os mesmos "que lutaram contra a ditadura, que não cederam às pressões". Criticou duramente "os que assaltam a sigla do PMDB, símbolo da resistência ao regime militar e utilizam-na para um candidato que nunca teve consistência política, um candidato fofo". E finalizou, " façamos justiça a quem tem compromissos com as mudanças votando em Jarbas".

Miguel Arraes, muito aplaudido pela multidão reafirmou que "o objetivo da frente Popular não é só eleger um prefeito. Precisamos resgatar a credibilidade e a confiança do povo pelas verdadeiras mudanças, marcar historicamente com o voto o muro de incertezas para abrir novos caminhos, caminhos do futuro de nosso país. Apoiamos Jarbas Vasconcelos por, além de sua história de luta contra o regime militar e de suas condições políticas e

populares, ele representar hoje um leque de forças democráticas e progressistas onde ele vai abrir caminho para as grandes batalhas que teremos ainda pela frente".

Jarbas encerrou o ato afirmando que "a vitória de 15 de novembro não será a vitória de cada um que compõe a Frente Popular do Recife. A vitória contra a reação, a prepotência e a truculência, contra as forças conservadoras, será a vitória do povo recifeense, e porque não dizer, de todo o povo brasileiro".

Jarbas empolgou a multidão quando afirmou que "nenhum prefeito biônico, nenhum governador falso democrata, nenhum presidente da Caixa Econômica, nenhum assassino vai nos tirar a vitória com o povo nas urnas".

O evento terminou com o povo cantando e dançando ao som de Reginaldo Rossi, cantor popular de Pernambuco e fazendo com as mãos o V da vitória. Diversos artistas locais, como outros de renome nacional, como Chico Buarque, Fafá de Belém, José Wilker vêm manifestando seu apoio ao nome de Jarbas Vasconcelos.

O comício de encerramento da campanha ocorrerá no dia 12, em Santo Amaro, que será uma demonstração de força de grande vulto. Prevê-se também uma presença de significativas lideranças políticas, inclusive do dirigente nacional do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas.

## Sarney salienta avanço da liberdade no país

No último dia 5, em discurso transmitido em rede nacional de rádio e televisão, o presidente José Sarney fez um balanço dos sete primeiros meses da Nova República, destacando as mudanças realizadas sob seu governo. A liberdade e o crescimento econômico foram os temas centrais.

"O clima de liberdade que o país vive não tem precedentes em nossa história", observou o presidente. E em oposição aberta ao anticomunismo dos reacionários, completou: "Abolimos a censura, quebramos tabus em relação a correntes que viviam na clandestinidade. Tivemos a coragem de integrar (não só legalizar), mas integrar ao convívio político, partidos, entidades e pessoas segregadas por preconceitos ideológicos".

Desta forma, Sarney reafirmou os compromissos democráticos do governo, repulindo o autoritarismo e sustentando que o país deve consolidar e "consolidar suas instituições em liberdade. Eu não acredito na fórmula maquiavélica de que o poder deve amedrontar, para ser respeitado".

Ao abordar os problemas econômicos, o presidente atribuiu o crescimento econômico, que este ano "ficará entre 6% e 7%", à decisão política de não acatar o reatário recessivo. "Tenho a afirmar: quando assumi, fui aconselhado a seguir a fórmula da recessão. Apertar, arrochar salários. Porque essa era a receita da ortodoxia, o 'manual do Estadista'. Recusei. Disse não. Enfrentei ameaças", revelou.

Também sublinhou: "Desapareceram do dia para a noite as comissões de organismos internacionais que auditavam órgãos governamentais, a nos ditar modas, e que passavam freqüentemente pelo Brasil", uma condenação sem rodeios ao monitoramento (ou supervisão) do FMI.

Porém, foi precisamente no tratamento da dívida externa que o discurso do presidente deixou muito a desejar. Sarney enfatiza que o Brasil não é mais "caudatário de nenhuma potência" e que "soberania e independência já não são mais palavras vazias. Hoje elas são realidades".

Nas entrelinhas fica a impressão de que o pagamento pontual dos débitos contraídos pelo velho regime junto aos banqueiros estrangeiros (como continua ocorrendo e, vale lembrar, sempre às custas da miséria e da fome do povo), bem como o modelo econômico dependente ainda de pé, são coisas intocáveis.

Na realidade, as palavras soberania e independência só existirão como meras retóricas enquanto as relações de dependência não forem rompidas. E isto exige medidas enérgicas, a começar pela suspensão do pagamento da dívida. Em caso contrário, dada a fragilidade da nossa economia diante das potências imperialistas, nem mesmo os tímidos resultados conquistados neste ano estarão seguros.

### O reajuste do salário mínimo

O presidente José Sarney fixou em Cr\$ 600 mil o valor do salário mínimo a partir de novembro, concedendo um reajuste de 80,1% sobre os Cr\$ 333.120 vigentes no último semestre, percentual que equivale a 105,8% do INPC. Considerando o reajuste de maio, os trabalhadores que se situam nesta faixa salarial tiveram um aumento real de cerca de 12%.

Com esta medida, o governo mais uma vez reconheceu a necessidade de repor as perdas salariais ocorridas no período do regime militar, sobretudo entre 1982 e 1984, período em que o FMI impôs seu reatário recessivo. Marca, também, significativa diferença em relação à política econômica do velho regime, onde o arrocho salarial era uma constante.

A decisão beneficiará os trabalhadores que ganham acima de um salário, especialmente as categorias cujos pisos são estabelecidos com base no mínimo salário de referência no mercado de trabalho. E constitui um estímulo à luta pela reposição das perdas.

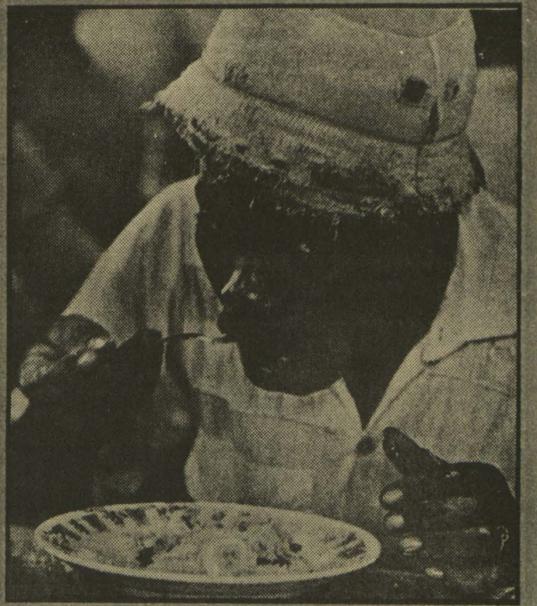
Todavia, o novo mínimo está ainda muito distante das reivindicações dos trabalhadores e de suas reais necessidades. Tomando-se como parâmetro o consumo de uma família constituída de quatro membros (dois maiores e dois menores), para satisfazer as necessidades elementares previstas pela própria legislação em vigor, o salário deveria ser de Cr\$ 2 milhões em outubro, segundo cálculos do Dieese.

Ao se comparar os dois níveis, constata-se que o reajuste concedido não

aliviará muito a situação do trabalhador, que continuará forçado a consumir menos do que necessita. A situação não é também das melhores se relacionada com os níveis do salário mínimo, por exemplo, de julho de 1940, que não foi o maior da história do país, e do qual o atual, em novembro, representa apenas 63,87%.

A timidez da reposição fica mais acentuada ao se considerar que a base de comparação é o ano de 1984, um dos piores de todo o período do regime militar. De acordo com dados do IBGE, todas as faixas de rendimento atingiram em 1984 níveis inferiores aos de 1981. No ano passado, 11,6 milhões de famílias sobreviveram com até um salário mínimo e nada menos que 41 milhões e 571 mil brasileiros não registravam qualquer rendimento.

Além disso, a deterioração contínua do salário pela inflação - cuja velocidade tem sido maior nos últimos anos, em decorrência das imposições do FMI - faz com que o poder aquisitivo dos salários seja cada vez menor (o que determina uma considerável redução do valor real médio recebido mensalmente). Se ocorrer uma perda mensal de 10% durante o próximo semestre, já em maio do próximo ano o valor do novo salário mínimo será de Cr\$ 333.983 a preços de novembro. Para minorar este problema, é urgente adotar reajustes trimestrais. No caso, institucionalizar a trimestralidade, visto que a maioria dos trabalhadores na faixa do mínimo não dispõem da organização necessária para arrancá-la por meio de lutas específicas.



Nada menos que 11 milhões de famílias vivem do mínimo

Não se deve esquecer que as transformações reclamadas pelo povo continuam esbarrando nas imposições dos

banqueiros que, mesmo sem a presença do FMI, continuam sendo muito bem atendidos.

Aracaju

### Avalanche democrática em Aracaju

A vitória do candidato Jackson Barreto à prefeitura de Aracaju já está praticamente assegurada. A grande luta é para ampliar a dianteira sobre o malufista Gilton Garcia, da coligação PDS-PTB, que se prevê de 40 a 50 mil votos. Esta é a perspectiva dos ativistas do PMDB, do PC do B, do PFL e das demais correntes políticas que compõem a Aliança Democrática na capital de Sergipe.

Em 1º de novembro foi realizado um grande comício da campanha, com mais de 40 mil pessoas, com a presença do presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, do ministro da Previdência, Valdir Pires, do líder do PC do B na Câmara Federal, Haroldo Lima, do líder do PMDB na Assembléia Legislativa de Salvador, Galdino Leite, movimentando a praça D. José Tomaz, no bairro Siqueira Campos, o maior da cidade.

Ulysses foi enfático ao declarar que a vitória de Jackson será "a vitória da democracia contra a prepotência, do caminho da justiça social contra as injustiças que imperaram por mais de 20 anos. Haroldo Lima, do PC do B, comparou o orçamento anual da prefeitura de Aracaju - Cr\$ 80 bilhões - com o pagamento dos juros da dívida externa diariamente pelo Brasil. Ao mesmo tempo conclamou os aracajuanos a cerrarem fileiras para derrotar a oligarquia dos Franco em Sergipe.



Gilton Garcia e seu amigo Abi-Ackel, ainda nos "bons tempos"

Nesta fase final da campanha o desespero apossou-se do PDS e dos defensores de Abi-Ackel, Delfim Netto e Maluf em nosso Estado. Eles estão usando agora o candidato do Partido Liberal (PL), Nelson Araujo, para fazer provocações nos horários do TRE, contra o governador João Alves e os integrantes da Aliança Democrática. Passaram inclusive a forjar documentos para fazer acusações de corrupção - logo a mando de quem aparece esta conversa!

Na campanha de Gilton Garcia, do PDS-PTB, o anticomunismo tem espaço destacado. O próprio candidato da Aliança Democrática, que tem o apoio do PC do B, Jackson Lago, já

denunciou que o vereador Walter Santiago (PDS), que se diz pastor evangélico, vem procurando denegrir a imagem dos comunistas junto a seus "irmãos", mentindo e caluniando mas, argumenta Jackson, "ele não confessa que apóia o candidato de uma quadrilha nacional que saqueou o nosso povo por 21 anos e que tem como líderes o ex-ministro Jóia, da velha República, Ibrahim Abi-Ackel, Delfim Netto e Paulo Maluf". (da sucursal)

**ERRATA:** na última edição deste jornal, a foto que ilustra a matéria sobre o ato do PC do B em Aracaju, publicada na página 4 e atribuída à Sucursal, é de autoria de Wellington Barreto.

### Ato do PC do B em Campina Grande

Num ato que reuniu mais de 600 pessoas foi, lançada no Teatro Municipal de Campina Grande, dia 1º de novembro, a Comissão Diretora Municipal do Partido Comunista do Brasil. A manifestação foi precedida de um amplo trabalho de convocação (inclusive comícios) nos bairros, fábricas e escolas, quando inúmeros trabalhadores se filiaram ao PC do B.

Ao lançamento estiveram presentes dirigentes de mais de 25 entidades sindicais, estudantis e populares. Também compareceram vários políticos democratas. A mesa que dirigiu o ato foi formada pelo prefeito da cidade, Ronaldo Lima, o

dirigente do Diretório Regional do PMDB, Agassiz Almeida; o líder do PMDB na Câmara Municipal, João Dantas, além de diversas outras personalidades democráticas. O PC do B esteve representado por Valtécio Brandão, presidente da Comissão Diretora Municipal e Alanir Cardoso, da direção nacional.

O prefeito Ronaldo Lima elogiou a atuação do PC do B, destacando o papel do partido na luta pela democracia, assegurando que "junto com o PMDB, o PC do B tem dado enormes contribuições ao povo brasileiro". Ronaldo Lima dedicou um poema de sua autoria aos comunistas. O

dirigente regional do PMDB, por sua vez, disse que "o PC do B é hoje um baluarte na luta pela liberdade. Vários de seus militantes deram o próprio sangue em defesa da liberdade". Alanir Cardoso, em nome da direção nacional do PC do B ressaltou que "os comunistas defendem, atualmente, a unidade das forças democráticas e progressistas como condição essencial para derrotar os setores conservadores".

No último dia 26 foi inaugurada a sede do PC do B em Mogi Guaçu, com a presença de mais de 150 pessoas. O momento mais marcante do ato foi o da filiação do vereador Denis Camilo Carvalho ao PC do B.

## LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

## Luta de idéias sobre a greve

Greve em São Paulo. Centenas de milhares de trabalhadores decidem parar as máquinas para obter melhores salários. Imediatamente a imprensa reacionária insinua a necessidade da polícia agir para "garantir o direito democrático de todos os operários que queiram trabalhar". Mas estes mesmos "santos protetores" da democracia não falam uma palavra sobre os milhões de trabalhadores impedidos de exercer este mesmo direito, em função da onda de desemprego provocada pela recessão.

## "ESQUERDA E DIREITA"

Os reacionários, alarmados, falam também em coibir os distúrbios, referindo-se aos piquetes nas portas das fábricas. Querem fazer crer que os grevistas são arruaceiros e que o fato de se organizarem para convencer os demais companheiros constitui uma violação da ordem pública.

Tudo isto faz parte da imensa máquina de propaganda das classes dominantes contra o movimento operário. Estes mesmos senhores, tão preocupados com a democracia, são os primeiros a pedir a aplicação da lei de greve imposta pelo regime militar, ao mesmo tempo que inventam mil pretextos para combater a reformulação deste instrumento fascista, tentada pela Nova República.

Outro lado desta mesma atividade de sapa aparece em nossos dias com uma máscara esquerdista, principalmente com as correntes trotskistas. Estas, pelo contrário, fazem agitação da greve pela greve, e tratam de utilizar as legítimas reivindicações operárias para as suas finalidades políticas particulares. Sem a menor análise da situação concreta de cada categoria, incentivam aventureiramente os movimentos grevistas. E com a mesma postura inconsequente, condenam a priori qualquer negociação. Muitas vezes inclusive chegam a forçar decisões de greve com dados distorcidos ou pela atuação artificial de ativistas estranhos à categoria.

## CONDUÇÃO FIRME

Os funcionários públicos, por exemplo, e de certa forma os trabalhadores dos correios, foram alvo, em movimentos recentes, de provocações destas correntes pequeno burguesas, com resultados desastrosos.

Na atual luta dos trabalhadores de São Paulo, o combate a estas concepções reacionárias e radicaloides tem enorme importância. A greve é justa, corresponde a reivindicações sentidas do proletariado e destina-se a quebrar a avareza dos patrões em conceder direitos dos assalariados. Mas por outro lado, na condução da luta é preciso ter em vista tanto a organização das massas para este e outros combates, assim como a obtenção de conquistas razoáveis. Não ceder diante das pressões da direita e ao mesmo tempo não cair na jogada dos que pretendem explorar a batalha para tirar dividendos eleitorais nas urnas em 15 de novembro.

A greve é e continuará sendo uma poderosa arma dos operários. Mas corretamente articulada com a paralisação, as negociações também cumprem papel no caminho da vitória. Na situação atual, onde os patrões já foram obrigados a ceder em vários pontos, existem condições favoráveis à obtenção da maioria das exigências dos trabalhadores.

## FORA O SNI

Em relação ao governo, é salutar a disposição manifestada no sentido de respeitar o direito de greve e o esforço no sentido de procurar novos canais de negociação. Mas é absolutamente contrário à democracia a interferência do SNI no assunto. Merecem o mais veemente repúdio os pronunciamentos do general Ivan pedindo a manutenção da ordem. A "ordem" do SNI cheira a Baumgarten, Capemi etc. (Rogério Lustosa)

Completam-se este mês 25 anos da reunião de 81 partidos comunistas e operários, celebrada em Moscou. Nessa reunião, o primeiro-secretário do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, pronunciou seu célebre discurso (a ser divulgado brevemente pela Editora Anita Garibaldi), onde denunciou as atividades antimarxistas e teses revisionistas de Nikita Kruschov e do PCUS a partir de seu Congresso.

Com seu discurso, Enver Hoxha e o PTA deram início à luta aberta, numa larga frente, contra o revisionismo soviético. Naquela época a URSS era ainda considerada pela maioria dos comunistas e pela imensa maioria da população do planeta como o centro da revolução mundial. Embora Kruschov e seu grupo já tivessem, no fundamental, golpeado a linha marxista-leninista do PCUS e do Estado soviético, a utilização da fraseologia marxista para encobrir atitudes hostis ao movimento operário levavam os revolucionários sinceros a acreditarem que os desvios ideológicos soviéticos eram apenas erros de caráter prático.

Nessas circunstâncias, o discurso de Enver Hoxha na reunião de Moscou - convocada por Kruschov com o objetivo de fazer valer suas posições no conjunto do movimento comunista internacional e anatemizar a China, com quem a URSS tinha disputas hegemônicas - foi uma verdadeira bomba contra as pretensões dos revisionistas.

**"O imperialismo, acaudilhado pelo norte-americano, deve ser desmascarado sem comiseração"**

Enver começou por traçar um painel da situação política internacional, com destaque para o campo socialista e para os partidos comunistas e operários, que "se transformaram em uma força colossal que conduz a Humanidade adiante para o socialismo e a paz". Mas, contrapondo-se às ilusões pacifistas que Kruschov e seu bando semeavam de que, devido à força do campo socialista o imperialismo já não era um inimigo poderoso, vaticinou: "Nosso ponto de vista é que o imperialismo, acaudilhado pelo norte-americano deve ser desmascarado sem comiseração, política e ideologicamente, e jamais devem ser permitidos a adulação, a tolerância e o falso brilho frente ao imperialismo. As táticas e os compromissos possíveis de nossa parte devem coadjuvar a nossa causa e não a do inimigo". Salientou, ainda que o imperialismo faz "seus preparativos bélicos. Quem não vê isto é um cego, e quem o vê, porém o encobre, é um traidor a serviço do imperialismo".

Polemizando com os sofismas da direção soviética a respeito da coexistência pacífica, o dirigente do PTA proclamou: "Coexistência pacífica entre dois sistemas opostos não quer dizer, como pretendem os revisionistas contemporâneos, que devemos renunciar à luta de classes. (...) Ao tempo em que se luta consequentemente para estabelecer a coexistência pacífica leninista e não se faz nenhuma concessão nos princípios ao imperialismo, se desenvolverá com maior força a luta de classes nos países capitalistas, assim como o movimento de libertação dos povos dos países coloniais e dependentes".

**O PTA manteve-se fiel às teses marxistas sobre a violência revolucionária**

Enver Hoxha desbaratou também a tese do XX Congresso do PCUS de que havia "a possibilidade de um desenvolvimento pacífico da revolução socialista". afirmou que o PTA mantém-se fiel às teses marxistas sobre a violência

## Um brado marxista-leninista contra a traição revisionista



Enver na reunião de Moscou. Do outro lado, Kruschov desaperda o colarinho, ao lado de Brejnev

revolucionária e lembrou que "nenhum povo, nenhum proletariado e nenhum partido comunista e operário tomou o poder sem sangue e sem violência".

Opondo-se à conciliação que Kruschov promoveu com Tito e a Liga Comunista da Iugoslávia, renegados do proletariado internacional, o PTA firmou posição de que o revisionismo continuava a ser o principal inimigo do movimento comunista. Tratou também do ataque a Stálin:

"Toda uma época gloriosa da União Soviética, quando foi erigido o primeiro Estado Socialista no mundo, fortalecida a União Soviética, vencidos com êxito os complôs imperialistas, esmagados os trotskistas, os bucharinistas e os kulaks como classe, quando se obteve o triunfo de levantar a indústria pesada e a coletivização, em uma palavra, toda uma época na qual a União Soviética se converteu em uma grande potência, edificou exitosamente o socialismo, lutou com heroísmo legendário na Segunda Guerra Mundial vencendo o fascismo e liberando os nossos povos, uma época em que foi criado o poderoso campo socialista etc. etc., assim pois esta gloriosa época da União Soviética foi privada de cabeça e guia" (com a condenação de Stálin feita por Kruschov).

Desafiando a direção soviética, que já previamente à reunião vinha realizando ameaças e pressões contra a Albânia e o PTA, Enver Hoxha deu exemplo de firmeza proletária e comportamento comunista, falando com ironia e diretamente para Kruschov: "O camarada Mikoyan nos disse que não tentavam criticar o camarada Stálin, enquanto estava vivo, porque lhes cortaria a cabeça. Estamos seguros que o camarada Kruschov não nos cortará a cabeça se o criticarmos corretamente".

**Sem argumentos para contrapor às críticas de Enver, a URSS aumenta as pressões e chantagens contra a Albânia**

O dirigente albanês deixou claro, na reunião, ser "o marxismo-leninismo que nos deu o direito de expor nossas idéias e ninguém nos pode impedir, nem com pressões políticas ou econômicas, nem com ameaças ou epítetos que possam aplicá-los". E mais: "Nós, os albaneses, temos a coragem marxista de criticar a estes camaradas, não porque os odiamos, mas porque os estimamos e porque estimamos mais e sobretudo ao Partido Comunista da União Soviética e aos povos soviéticos."

"Deste modo queremos a União Soviética, ao Partido Comunista da União Soviética

e à direção soviética. Com nossa austeridade marxista nos dirigimos a eles de maneira camarada, abrimos sinceramente o coração, lhes dizemos francamente o que pensamos, porque não fomos e nem seremos hipócritas".

As posições justas, serenas, do PTA levaram à desmoralização as pretensões hegemônicas da direção revisionista soviética. Sem argumentos para contrapor às críticas de Enver Hoxha, a URSS aumentou suas pressões e chantagens contra a Albânia ao tempo que, na própria União Soviética, o grupo kruschovista consolidava ainda mais suas posições no interior do PC. No XXII Congresso do partido, em 1961, o PCUS deixou de ser, oficialmente, o partido da classe operária para ser o "partido de todo o povo", assim como o Estado, oficialmente, deixou de ser da ditadura do proletariado para ser "Estado de todo o povo". Durante esse Congresso, Nikita Kruschov atacou abertamente o PTA e sua direção, qualificando-a de "vendida ao imperialismo" e conclamando o povo albanês à contra-revolução!

Também URSS rompeu, unilateralmente, todos os acordos regularmente concluídos com a Albânia, e retirou deste país, de maneira sensacionalista e ameaçadora, todos os especialistas soviéticos. Kruschov e seu bando chegaram mesmo a se apoderar de oito submarinos e de navios de guerra albaneses que estavam em reparos em Sebastopol; expulsaram estudantes albaneses da União Soviética e excluíram, de fato, a Albânia do Pacto de Varsóvia. Em 1962, seguindo a batuta do dirigente de Moscou, alguns países de democracia popular cancelaram também seus créditos à Albânia.

**Passados 25 anos da reunião dos 81 partidos comunistas o revisionismo se degenerou ainda mais**

Mas essas pressões - atitudes típicas de governos reacionários e burgueses - não demoveram o PTA e a Albânia de suas convicções marxistas-leninistas. Em 1964, Kruschov foi destituído da chefia do partido e do governo soviéticos, em virtude dos fracassos políticos, econômicos, ideológicos, nacionais e internacionais que acumulara. Foi substituído por Brejnev que manteve, contudo, a política revisionista, de restauração do capitalismo e confissão da URSS numa superpotência socialimperialista. Após Brejnev, vieram Andropov, Tchernomol e, agora, Gorbachev. Sempre seguindo uma política de traição à classe operária da Albânia, contudo, mantêm-se firme na construção do socialismo e na defesa do marxismo-

## O combate no Brasil

O surto de revisionismo contemporâneo no Partido Comunista do Brasil, alentado pelo XX Congresso do PCUS, encontrou tenaz resistência desde que surgiu em 1956. Militantes e dirigentes fiéis ao partido e ao marxismo-leninismo derrotaram, primeiro, a corrente nacionalista-burguesa de Agildo Barata. Depois, quando Prestes, auxiliado por Giocondo Dias, jogou o que restava de seu prestígio a favor do revisionismo, a luta ideológica ganhou proporções bem maiores. À medida que se desestruturava a linha revisionista, sobretudo após a adoção da Declaração de Março de 1958, que revogou o Programa revolucionário do IV Congresso, também se elevava o grau de consciência dos marxistas-leninistas.

Após o V Congresso do partido, preparado de forma tendenciosa, visando facilitar a ação dos revisionistas, ficou evidente que a direção prestista degenerara e procurava transformar o partido num ajuntamento social-democrata. Quando esta direção, em agosto de 1961, optou por criar um outro partido chamado Partido Comunista Brasileiro, retirando dos estatutos do PC do B a afirmação de que o partido se orientava pelo marxismo-leninismo e era internacionalista, os revolucionários decidiram reorganizar o PC do B.

leninismo, constituindo-se num verdadeiro farol para os comunistas de todo o mundo.

Nesses 25 anos que nos esperamos do histórico discurso de Enver Hoxha na reunião dos 81 partidos em Moscou, o mundo sofreu grandes transformações. O revisionismo no poder levou à degenerescência dos países de democracia popular do Leste Europeu, hoje transformados em verdadeiras colônias do imperialismo russo. As brigas entre as várias correntes oportunistas desembocaram no esfalecimento dos grupos antes coordenados por Kruschov, e atualmente assiste-se à deglaciação entre os revisionistas de Moscou, os eurocomunistas, os revisionistas da Romênia etc. Para fazer valer seus interesses de domínio, a URSS interviu militarmente na Tchecoslováquia e no Afeganistão, e patrocinou um golpe de Estado militar na Polónia. As ilusões de "paixão pacífica ao socialismo" semeadas a partir do XX Congresso do PCUS, por seu lado, tiveram como resultados práticos as tragédias da Indonésia e do Chile, onde a contra-revolução estrangou com ferro e fogo os povos revolucionários. Neste período saiu a campo também o oportunismo revisionista chinês.

Foi o que ocorreu na Conferência Nacional Extraordinária do partido, em fevereiro de 1962. O episódio causou ira ao próprio Nikita Kruschov, que em junho de 1963 referiu-se ao PC do B como um grupo antipartidário. Mas os comunistas brasileiros não se intimidaram com os ataques dos revisionistas soviéticos. Publicaram uma "Resposta a Kruschov" denunciando sua atividade anti-marxista e deplorando os ataques e "toda sorte de diatribes contra o Partido do Trabalho da Albânia".

O grupo apoiado por Kruschov no Brasil, o PCB, desde então vem sofrendo derrota após derrota em sua política de conciliação de classes e capitulação diante dos reacionários. Prestes, embora fiel aos revisionistas soviéticos, acabou por ser afastado do PCB. E dentro deste agrupamento revisionista pululam inúmeras facções, lideradas por Giocondo Dias, Hércules Correia etc. etc. Todos unânimes, em todo caso, em apoiar a URSS imperialista.

Como bem salientou o PC do B em sua "Resposta a Kruschov", de 1963: "Revisionistas são solidários com revisionistas e não com revolucionários. Revolucionários são solidários com revolucionários e não com revisionistas".

Avaliando o significado do pronunciamento de Enver Hoxha na reunião de 1960 em Moscou, o atual dirigente da Albânia, Ramiz Alia, destacou: "O Partido do Trabalho da Albânia, na luta histórica contra o revisionismo kruschovista, ao denunciar, sem nenhuma concessão, a linha do programa revisionista da degenerescência burguesa e da restauração do capitalismo, traçou simultaneamente uma linha e um programa revolucionário marxista-leninista, mostrando como era necessário fazer avançar, sem interrupção, a revolução e a edificação do socialismo, como era necessário barrar o caminho ao perigo do revisionismo e do retorno ao capitalismo.

Este programa, que constitui uma nova contribuição para a teoria e para a prática do socialismo científico, foi aplicado e continua a ser aplicado todos os dias na Albânia. Demonstrou que a propagação do revisionismo nos países socialistas está longe de ser uma fatalidade, como pretendem os ideólogos burgueses, que a marcha do socialismo é ininterrupta, se se seguir, de forma consequente, a linha revolucionária marxista-leninista".

# Aldo Arantes fala da UNE legal

Após 21 anos de ilegalidade a UNE voltou a ser reconhecida pelo governo federal. No dia 31 de outubro o presidente José Sarney sancionou o projeto de lei que coloca a UNE como a legítima representante dos universitários brasileiros. Pelos salões do Palácio do Planalto ecoou o grito de "a UNE somos nós, nossa força e nossa voz", por centenas de estudantes presentes. A *Tribuna Operária* entrevistou o deputado Aldo Arantes, autor do projeto, que fala da importância desta medida.

**TO:** O que representa para o movimento estudantil a sanção presidencial do projeto de lei que reconhece a UNE?

**Aldo:** Em primeiro lugar, a sanção presidencial do projeto de lei de minha autoria, joga na lata de lixo toda a legislação autoritária sobre a organização das entidades estudantis e restabelece a livre organização do movimento estudantil através de suas mais diferentes instâncias de decisão. A sanção presidencial foi uma vitória política do movimento estudantil e significa o resgate da tradição de lutas dos estudantes brasileiros.

Todos nós sabemos que a UNE após 1964 foi vítima de uma brutal repressão policial. A sede da UNE foi incendiada, e seu prédio foi destruído, as lideranças estudantis foram perseguidas, torturadas, assassinadas, entre as quais, o goiano Honestino Guimarães, um dos últimos presidentes da UNE. Foram colocadas em prática uma série de leis no sentido de cercear a atividade estudantil. Mesmo assim os estudantes continuaram lutando. Mesmo na ilegalidade a UNE continuou resistindo e lutando bravamente contra a ditadura militar.

Após 1968, com o ato 5, a UNE foi colocada na clandestinidade e aí conseguiu sobreviver algum tempo. Em função da repressão violenta que se seguiu ela não pode mais continuar em atividade. Mas o movimento estudantil como tal, continuou na sua luta e a UNE terminou por ressurgir em 1979. Após



Foto: Immo Celso

Renildo Calheiros, presidente da UNE se encontra com Sarney; volta de uma prática banida pelos militares brasileiros.

isso ela retomou o seu passado de lutas, sua tradição de lutas, jogando um papel fundamental na luta contra a ditadura militar, na luta pelas Diretas-Já, na luta pela vitória do candidato único das oposições, Tancredo Neves, e, mais recentemente, com o fim da ditadura, desencadeou a bandeira de luta pela legalização, obtendo esta vitória. Agora a UNE caminha no sentido de assumir a liderança na luta pela democratização da universidade brasileira.

**TO:** Aldo, você foi presidente da UNE no período de 1961/62, época em que a entidade era legal. Fale sobre o relacionamento da UNE com o governo e sobre a questão da independência da entidade.

**Aldo:** A dependência de uma entidade está relacionada com a postura política que ela tem. No passado, quando a UNE era reconhecida pelo governo, quando recebia verbas, houve períodos em que ela se tornou



Foto: Moreira Mariz

pelega. Porém, a maior parte do tempo, a UNE teve uma tradição de luta e de combatividade. Então, não é o fato dela obter recursos que significa que ela poderá ter uma posição caudatária. A questão fundamental está numa posição de autonomia e de independência. Inclusive, a lei que foi sancionada pelo presidente José Sarney estabelece a livre organização do movimento estudantil. Não há nenhum vínculo entre as entidades estudantis e o Estado, diferentemente, por exemplo, do que ocorre na estrutura sindical que é fascista, manietada, em que o reconhecimento dos sindicatos é feito pelo Ministério do Trabalho. A legislação aprovada que diz respeito ao movimento estudantil não estabelece nenhum condicionamento, são os estudantes que determinam e que estabelecem, não só as normas de organização, como também, quais são as entidades reconhecidas ou não pelos estudantes.

**TO:** Em que sentido a legalidade cria condições para o desenvolvimento do trabalho da UNE?

**Aldo:** O reconhecimento da UNE é uma grande vitória, não só do ponto de vista político, porque o Estado está sendo obrigado a reconhecê-la como entidade repre-

sentativa dos estudantes brasileiros, mas também porque isto estabelece uma nova relação, uma relação diferente entre a UNE e os órgãos governamentais. O ministro da Educação ficou praticamente 20 anos sem receber o presidente da UNE, agora não só ele o recebe sistematicamente como, até mesmo, o presidente da República.

É claro, a UNE necessita manter a independência como já disse, e para isso necessita cumprir o seu papel de ser a vanguarda da luta pela democratização da universidade, em defesa da escola pública e gratuita, por mais verbas para a educação, pra se construir uma universidade voltada para os interesses da nação e do povo brasileiro. Acho que, na medida em que a entidade é reconhecida ela pode, inclusive, dispor de recursos e condições materiais mais favoráveis para desenvolver o seu trabalho. Hoje em dia a UNE lidera 1,5 milhão de estudantes, diferente da minha época em que havia 150 mil universitários em todo o país. Então, uma entidade deste porte, para cobrir todo o país, necessita ter base material, necessita ter sede, ter forma de comunicação. O reconhecimento vem contribuir neste sentido. (Francisco Messias, da sucursal de Goiânia)

## Mulher trabalhadora prepara o seu 1º congresso nacional

Mulheres sindicalistas de diversos Estados, integrantes da coordenação nacional do 1º Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora, se reuniram em São Paulo no último dia 2 para encaminhar os preparativos do congresso, que será realizado em São Paulo de 17 a 19 de janeiro de 1986 em São Paulo.

Foi feito um balanço da plenária de Brasília, realizada dia 3 de outubro, com a presença de 51 entidades. Em seguida fez-se um relato da preparação do congresso nos diversos Estados. A secretaria do congresso, que funciona no Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, à rua Thomaz Gonzaga, 50, 11º andar, Liberdade, estará recebendo as teses para o congresso até o dia 15 de dezembro.

O 1º Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora marca a retomada da mobilização das trabalhadoras brasileiras a nível nacional, reflexo do período de avanço da democracia que estamos vivendo. Dois eventos semelhantes já ocorreram no Brasil. O primeiro foi em maio de 1956, quando se realizou no Rio de Janeiro a Conferência Nacional de Trabalhadoras, com a participação de 261 delegadas de 12 Estados. O outro evento desta natureza foi em 1963, em São Paulo: o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora.

Nas últimas décadas cresceu muito a participação da brasileira no mercado de trabalho. Das mulheres maiores de 10 anos, apenas 14,1% trabalhavam em 1950, passando para 18,2% em 1970 e para 36% em 1983. Atualmente, as mulheres representam 30% dos 51 milhões de trabalhadores brasileiros.

O 1º Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora ajudará no sentido de se fazer um melhor diagnóstico da situação da mulher trabalhadora e tirar uma pauta de reivindicações capaz de mobilizar o conjunto das trabalhadoras e fazer avançar seu nível de intervenção nos sindicatos e na vida política, social e cultural. (Ana Maria Rocha, da União de Mulheres de Porto Alegre)

## Continua a greve dos 37 mil funcionários públicos baianos

Prossegue a greve dos mais de 37 mil funcionários públicos estaduais e do município de Salvador, na Bahia, reivindicando melhores salários e condições de trabalho. São 23 categorias do funcionalismo, mais os professores, que enfrentam a intransigência do governador João Durval. Os médicos, que fizeram uma greve de quase um mês, voltaram ao trabalho, depois de conquistarem pisos salariais que variam de Cr\$ 3 milhões a Cr\$ 4 milhões, dependendo do nível.

Os servidores públicos estaduais realizaram no dia 5 de novembro, no centro administrativo, uma grande manifestação na tentativa de sensibilizar o governador João Durval a conceder um maior percentual de reajuste e atender as reivindicações salariais das 23 categorias em greve. Também participaram da manifestação os professores das universidades do Estado da Bahia, de Feira de Santana e Extremo Sul da Bahia, que há quase 18 dias estão em greve.

Nos primeiros dias da greve dos professores a adesão foi de 70%, segundo cálculos da coordenação do movimento. Os professores da rede municipal de Salvador também pararam, reivindicando piso salarial de três salários mínimos para o nível I, reajuste trimestral de 128% para novembro, além do estatuto do magistério, entre outras. (da sucursal)

## Estudantes conquistam lei que permite criar grêmios nas escolas

Depois que os senadores aprovaram por unanimidade a 17 de outubro, o presidente José Sarney sancionou, dia 5 último, a lei 7.398, que estipula a organização dos Grêmios Livres nas escolas de 1º e segundo grau. Houve apenas o veto no parágrafo 1º, mas que na sua essência não prejudicou o grêmio livre, pois era um parágrafo que obrigava todas as escolas a terem grêmios. Os próprios estudantes é que deverão decidir se querem ou não ter o grêmio em suas escolas.

O projeto de lei dos grêmios livres é de autoria do deputado Aldo Arantes, lançado em 1983. Logo a seguir a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) lançou uma campanha pela aprovação deste projeto de lei. Em 1984 aceleramos o ritmo da campanha. No ano passado e início de 85 foi um período de muitos encontros de grêmios visando pressionar o congresso a aprovar o projeto do deputado Aldo Arantes.

Neste ano enfrentamos o senado da república com muita determinação, pois, o senador Aderbal Jurema, relator da comissão de educação fez algumas emendas ao texto original desvirtuando o seu sentido democrático. Mas a UBES estava alerta e no dia 26 de setembro fizemos uma brilhante manifestação em Brasília, com mais de 400 estudantes. Conversamos com o senador Jurema e solicitamos que retirasse aquelas emendas. Com a interferência do ministro da Educação o senador retirou as emendas, sendo então votado na íntegra pela comissão de educação, no dia 3 de outubro.

### FESTA DE COMEMORAÇÃO

No dia 30 de novembro faremos uma grande comemoração na sede da UBES em São Paulo, na rua Vergueiro 2485. Estamos convidando todos os estudantes, as entidades estudantis, os secretários de educação e a população em geral para que compareça a sua presença pelo telefone (11) 3041-1111. (Sônia Oliveira, presidenta da UBES)



Aldo: "O reconhecimento é uma grande vitória do movimento estudantil"

# Colonos sem terra ocupam fazenda em Sarandi

Cerca de 6.500 agricultores sem terra vindos de 70 municípios gaúchos ocuparam no último dia 29 os 9 mil hectares da fazenda Annoni no município de Sarandi, a 350 quilômetros de Porto Alegre. Para chegar ao local os colonos furaram o bloqueio da Brigada Militar e agora o principal problema é a falta de alimentação e a ameaça de doenças.

As 2.500 famílias que ocuparam a fazenda Annoni viviam na dependência dos donos da terra: eram arrendatários, meeiros, parceiros e peões. A vida que estes colonos levavam não era muito diferente da situação vivida nos acampamentos de Sarandi. Ervino Filvoek, 33 anos, explica: "Morar em barracos de lona como aqui, grande parte já

morava, pois os donos de terra nunca permitem que o colono construa uma casinha de madeira para morar". E conclui: "Pelo menos com o acampamento vamos ter condições de conseguir terra. A minha intenção é ficar aqui até sermos reassentados".

A esposa de Ervino, Geni, mãe de cinco filhos, lembra: "Se conseguirmos a terra, nossos filhos terão um futuro melhor". Toda esta disposição demonstrada por esta família é a única forma de enfrentar as adversidades no acampamento. Após a ocupação choveu na região durante cinco dias, a temperatura baixou e nem todos os colonos tinham lonas para se proteger. Os agasalhos e a comida foram divididos, pois as provisões que muitos levaram terminaram logo no segundo ou terceiro dia. O problema mais grave é com as

duas mil crianças que ficaram sem leite em pó. O frio, a umidade e a falta de assistência tornaram o ambiente propício à proliferação de doenças.

### BOA ORGANIZAÇÃO

Os colonos estão organizados em núcleos de dez famílias cada e existe a comissão executiva que coordena as comissões encarregadas da segurança, saúde, alimentação, imprensa e relações públicas. Todas as decisões são tomadas em assembleia geral. Francisco Brancher, membro da comissão executiva fala sobre a situação no acampamento: "Os adultos sabem porque estão aqui e porque estão passando fome. A criança não sabe, chora pelo leite que necessita".

Num giro pelo interior do acampamento, em meio ao barro e aos pingos de uma chuva esparsa se pode constatar a falta de roupas para as crianças, muitas delas de cama com febre, tomando chás devido à falta de leite. O apoio recebido pelos trabalhadores sem terra tenta minorar esta situação.

A ocupação desta área foi organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e já estava previsto desde o início de setembro quando os colonos realizaram um acampamento no município de Palmeira das Missões. Logo no primeiro dia da ocupação os fazendeiros da região se mobilizaram, exigindo que a polícia desalojasse os colonos do local.

### "PROBLEMA CRUCIAL"

Apesar de todas estas pressões, o próprio Ministério da Reforma

Agrária destacou que "tanto o Ministério da Justiça, quanto o Inera não tomariam nenhuma providência mais rígida". O líder do PMDB na Assembleia Legislativa, deputado César Schirmer, emitiu nota apoiando as famílias dos Sem Terra e exigiu do governo estadual e federal a abertura de canais de negociação. A nota destaca ainda, que "o problema dos sem terra é crucial e sua solução não pode ser adiada pela Nova República".

Após a incerteza quanto à ação do governo em relação aos acampados, tudo ficou mais calmo quando o Inera gestiou com a família Annoni um acordo para que os mesmos pudessem permanecer naquele local até o dia 29 de novembro, prazo em que será efetivada uma pericia judicial.

### UMA LUTA ANTIGA

A fazenda Annoni é palco de uma disputa judicial há 15 anos, entre a família Annoni e o Inera. Ela foi desapropriada em 1972 para abrigar os agricultores que perderam suas terras com a construção da barragem de Passo Real, os "afogados". Mas das 400 famílias apenas 65 se instalaram em parte das terras, devido à luta judicial.

Os fazendeiros tentaram golpear os colonos dizendo que os mesmos queriam tomar as terras destinadas aos "afogados". Francisco Brancher, da comissão executiva dos acampados esclarece esta questão: "Nossa briga não é com os afogados. Nós queremos terra, não importa que seja a de quem for (o mar, da sucursal de Porto Alegre)



2.500 famílias estão instaladas nos barracos passando fome, frio e a ameaça de doenças

# A vibração dos grevistas

"A greve é uma das coisas mais bonitas na vida de um operário". A declaração de Sebastião, metalúrgico da Villares há três anos, expressa bem o sentimento de satisfação dos milhares de trabalhadores que participaram da greve unificada. Nos piquetes e concentrações, saltava a vista a alegria dos que enfrentavam com bravura a tirania do capital.

A vibração dos grevistas é algo contagiante. Apesar das privações e da tensão a que estão expostos (perda do salário, desemprego, pressão da chefia, presença ostensiva da polícia), milhares de operários participam dos piquetes, xingaram os fura-greve, vão os soldados da PM.

Sebastião, por exemplo, é pai de seis filhos e ganha apenas Cr\$ 1 milhão. Torneiro mecânico formado pelo Senai, atualmente trabalha como sergente na poderosa unidade da Villares em Santo Amaro, Zona Sul da capital paulista. "Ganho uma miséria e vivo preso na fábrica. Mas sei que o desemprego é pior ainda. Defendo esse trabalho com unhas e dentes. É o sustento dos meus filhos", observa Sebastião.

Mas, então, por que a alegria no rosto? "Hoje acordei mais leve. Vim direto para o piquete. Fiz até discurso para uma multidão - coisa que nunca tinha feito na vida. A alegria é porque a greve é contra o patrão, que é inimigo dos operários. É um tapa na cara do carrasco Luis Carlos, chefe da sessão de Motores, que pensa que operário é escravo. É porque isso é uma demonstração da nossa força, é uma certa vingança contra os que nos exploram e jogam o bagaço fora".

## PATRÃO DE SAIA CURTA

Outro metalúrgico, que acabara de participar de um piquete na Sprech Shuller, dá sua opinião. "Isso aqui não é carnaval. Os riscos são grandes para um pai de família. Mas que dá um baíta prazer, dá. Dá um certo orgulho de ser operário, de pertencer a uma classe que se une. Quem deve ficar triste são os patrões. Quero ver esses parasitas com



## A GREVE UNIFICADA

a mão na graxa", brinca o baiano, com quatro anos de Villares.

O motivo de maior contentamento é o de colocar o capitalista na parede. Na Metal Leve, por exemplo, os 3.600 operários realizaram uma grande festa. As 23:30 horas da segunda-feira, dia 4, a fábrica já estava parada. Todos se concentraram no pátio da firma e lá ficaram até de madrugada, aguardando a turma do dia. Depois, a multidão saiu em passeata, comemorando.

O gerente de Relações Industriais da empresa, Aurélio Zanatta, não acreditava na paralisação. Chegou a afirmar numa rodinha de operários que "se a Metal Leve parar eu corto meu saco, penduro na caixa d'água e ainda visto uma saia curta". Dando gargalhadas, os grevistas prometiam fazer grandes cartazes com o representante patronal de saco cortado.

Na indústria Sadnivick, também na Zona Sul, o patrão foi derrotado dentro da própria fábrica. Ameaçados de demissão, os 500 funcionários foram trabalhar na terça-feira; os portões da fábrica foram trancados; e ninguém pode sair na hora do almoço. Quando o piquete passou na firma e iniciou a pressão, o empresário resolveu arriscar. Convidou o sindicalista para uma assembléia no interior da fábrica. Nela tentou a cantilena de que "na nossa empresa reina a paz". Mas ninguém se iludiu com a falsidade do explorador. Todos abandonaram a prisão e boa parte se juntou ao piquete do final da tarde.

## PIQUETE COM SAMBA

Com a greve ativa, fora da fábrica, aumenta a disposição de luta dos gre-



Grande disposição nos piquetes, como na Calóí com 10 mil operários, e festa na adesão de mais um grevista na Brasinter

vistas. Os piquetes gigantes e passeatas, encorajam os trabalhadores e atemorizam os empresários. Na Zona Norte da capital, região de difícil trabalho sindical (há centenas de pequenas e médias empresas, espalhadas numa área vastíssima), os piquetes foram fundamentais. Quando ele chegava numa fábrica, reunindo até 1.500 grevistas, o patrão liberava os funcionários, temendo qualquer invasão.

Já na Zona Leste o piquete da madrugada parou a Philco, fábrica com 2.800 empregados, na maioria mulheres. Imediatamente, elas se juntaram a passeata que saiu fechando indústrias químicas, de plásticos e metalúrgicas no Tatuapé. Teve hora que o piquete contou com mais de 5 mil grevistas, tomando totalmente a avenida Celso Garcia.

## A ação provocadora da direita

Por se realizar a poucos dias das eleições para prefeitura da capital paulista, a greve unificada foi envolvida no clima da disputada partidária. Enquanto os metalúrgicos, químicos e outras categorias realizavam sua paralisação por melhorias econômicas, algumas forças políticas esforçavam-se para tirar dividendos eleitorais.

As forças de direita, principalmente, jogaram pesado no sentido de aproveitar oportunisticamente da justa greve operária. O objetivo era claro: provocar um grande confronto entre grevistas e PM o que, conseqüentemente, levaria ao desgaste do governo Montoro e do candidato do PMDB. Para isso, contavam com a ajuda, consciente ou não, de alguns setores esquerdistas e sectários do PT e do PDT (ver matéria ao lado)

## AÇÃO JANISTA

Conforme alertaram o PMDB no

dia anterior ao início da greve, o maior perigo se encontrava no interior da própria Polícia Militar, que continua infestada de reacionários em postos de comando, notórios partidários de Jânio Quadros. A previsão foi comprovada claramente nos piquetes.

Em frente a fábrica Westinghouse, por exemplo, o famigerado capitão Nóbrega (o mesmo que comandou a violenta repressão aos desempregados em 1983) fez de tudo para provocar um piquete. Gritava, ofendia, empurrava os operários - babava sangue! Ao seu lado, o tenente-coronel Romualdo Fuga argumentava: "Temos condições de agir com energia e acabar com esse piquete. É só jogar uns lacrimogêneos e umas cargas de cavalaria". E lamentava: "Mas a orientação do governo não é reprimir".

Pouco depois, o mesmo comandante ficou irritado com a persistência do

piquete. Apondo para o sindicalista que dirigia o piquete disse com todas as letras: "Aquele ali é um subversivo. Mas esse mundo dá voltas. É só ter um governo forte que eu o encontro novamente".

Muitas empresas também atuaram nitidamente no sentido de criar um incidente e acionar a repressão policial. Na Villares, também em Santo Amaro, um velho conhecido dos operários, o chefe de segurança Carlos, não parava de provocar. Quando, às 10:30 horas, uma mensalista tentou furar a greve e foi convencida por seus companheiros a não fazê-lo, ele subiu no alambrado e com seu quepe acenou para os soldados da PM, chamando-os desesperadamente - mas sem êxito.

Furioso, confidenciou a outro segurança interno: "Esses policiais só ficam vendo, não agem. Não batem como antigamente". Segundo uma liderança da fábrica, "esse baixinho é um puxa-saco do patrão. Dormiu na fábrica só para impedir a greve hoje. E o pior: é janista, o desgraçado".

## POUCOS INCIDENTES

Apesar do esforço, a reação não atingiu o seu intento, não conseguiu nenhuma vítima fatal. Ocorreram poucos incidentes durante a greve. O único choque grave foi registrado na Calóí, quando a PM agiu com violência contra o piquete de uns 10 mil operários, ferindo vários grevistas. No comando da repressão, nada menos do que o capitão Nóbrega. E, para ajudar, a ação provocadora de um elemento ligado a CUT, que atçou os operários a invadirem a fábrica e jogou pedras.

Os próprios grevistas notaram a mudança de postura da PM. Depoimento ilustrativo é dos operários da Sylvânia, que na greve metalúrgica de 1979 foram barbaramente reprimidos - o que resultou na morte do líder sindical Santo Dias, em 30 de outubro. "Naquele tempo, foi pura agressão. Agora está diferente, tanto que almoço no piquete em frente a fábrica", comenta um ajudante geral. Já uma funcionária do setor de revestimento, com quase oito anos de Sylvânia, lembra bem do assassinato de Santo Dias. "Eles vieram atirando sem mais nem menos. Queriam uma morte. Agora não. Tem mais liberdade, o que dá uma ajuda a greve".

Apesar dessa ponderação, nenhum grevista gostou da presença dos 10 mil soldados da PM nas portas das fábricas. Todos vaiaram e xingaram, mantendo o espírito de independência da classe operária. Afinal, polícia serve para defender os capitalistas e não pode ser bem recebida pelos que lutam contra a ganância do capital.



## CUT e PCB não contribuem para o sucesso da greve

Além de enfrentar a dura resistência dos capitalistas, a greve unificada teve que superar obstáculos no seu próprio meio para alcançar a vitória. Correntes políticas que atuam no movimento sindical jogaram, na prática, na divisão e enfraquecimento da luta, servindo ao time inimigo.

De um lado, os ativistas do PT agiram de forma eleitoreira, fazendo de tudo para desgastar o PMDB e a Nova República. Nisto contaram com esforço do minguado núcleo sindical do PDT. A mesma corrente petista, através do seu braço sindical (CUT), também atuou de forma exclusiva e divisionista, tentando ganhar a hegemonia da greve na marra. Por outro lado, o chamado PCB colocou-se contra a greve dos metalúrgicos.

## GOLPISMO DA CUT-PT

Desde o início da campanha salarial unificada, ficou claro que a CUT-PT tinha como principal objetivo ganhar prestígio com a greve, não se importando se com isso destruía a frágil unidade que se forjou na luta - um dos segredos do êxito do movimento. A princípio, esbanjando muito dinheiro (talvez os marcos alemães!), distribuiu farto e colorido material publicitário tentando vender a idéia de que a central petista era quem faria a greve, de que os sindicalistas da Conclat traíam.

Depois, passaram a se intrometer nas bases sindicais das entidades que não dirigem - principalmente nos metalúrgicos da capital. Quase abortaram o movimento paredista, ao puxar a greve na Sharp, em Santo Amaro, na segunda-feira. "Devido a essa precipitação, tivemos algumas dificuldades para parar no dia certo", denuncia um jovem ativista da Sharp.

A atitude gerou forte crítica do Sindicato dos Metalúrgicos. Luis Antônio, vice-presidente da entidade, atacou: "Isso é um desrespeito à autonomia do sindicato. É puro golpismo". No decorrer da paralisação, a CUT insistiu em disputar a direção do movimento. Na Monark, os elementos da central petista chegaram a fazer assembléias e piquetes paralelos ao do sindi-

cato, provocando atritos entre trabalhadores.

Só que exatamente os sindicatos vinculados a central petista é que tiveram o desempenho mais fraco na paralisação. Nos químicos da capital, segundo avaliação da própria diretoria, 40% dos 62 mil trabalhadores da base aderiram a greve. Sendo que muitas fábricas do setor foram fechadas pelos piquetes metalúrgicos. Um operário da Villares ficou revoltado com a entidade dos químicos, que pouco fez para paralisar a Avon. "O Sindicato abandonou o pessoal, não tem piquete. Deve ser tudo pelego", gritava o operário.

## PCB CONTRA A GREVE

Outra corrente desmascarada na greve unificada foi a dos revisionistas. No caso dos metalúrgicos, a atitude do PCB foi visivelmente de traição. Após a assembléia da categoria, com cerca de 15 mil operários, decretar greve, o Comitê Municipal do partido revisionista soltou um panfleto condenando a decisão soberana dos metalúrgicos.

"O que aconteceu em 31 de outubro não foi uma assembléia democrática", afirma, mentirosamente, a nota dos revisionistas. Só que o próprio Candido Hilário, o Bigode, teve oportunidade de falar na assembléia. O que não teve foi coragem de propor a aprovação da contraproposta patronal.

Mas o desrespeito à decisão dos metalúrgicos não ficou apenas na nota. Ele se manifestou nos piquetes, onde os filiados desta agremiação fizeram corpo mole. A importante região da Zona Oeste, onde Bigode é diretor sindical responsável, foi a de menor índice de paralisação. O dirigente revisionista chegou a falar, na porta da Mapri, que era contra a greve e que tinha dado entrevistas neste sentido a quatro jornais.

Na Itapema, empresa com 100 operários na Zona Norte, outro militante do PCB, Chiquinho, convenceu os grevistas para retornar ao trabalho na assembléia no interior da fábrica, Chiquinho e o patrão fizeram contra a greve - mas foram derrotados.



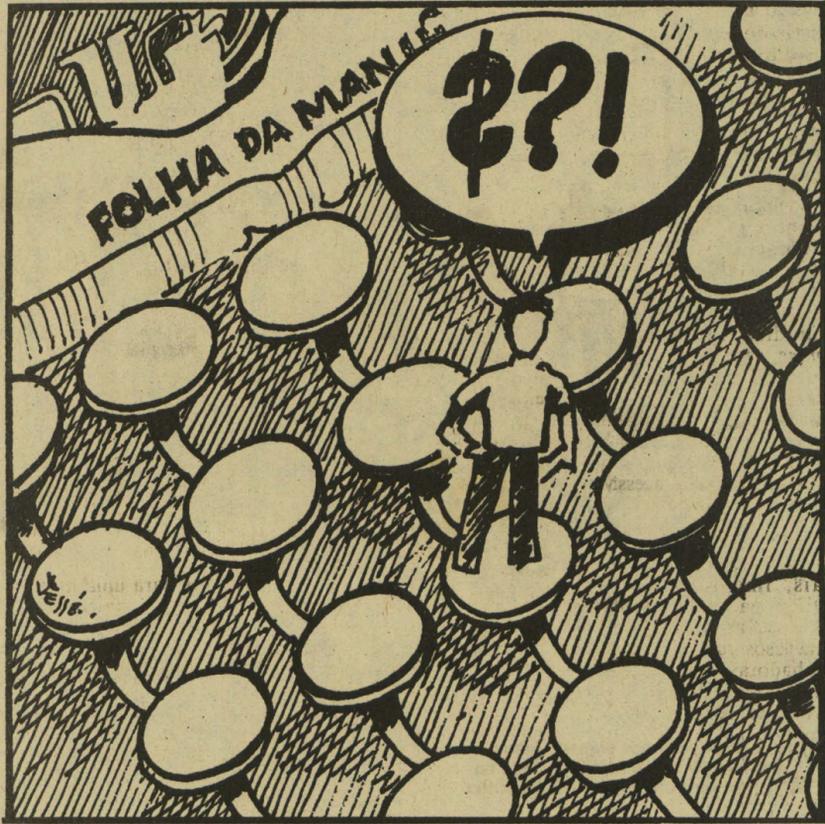
PM bloqueia o piquete na westinghouse: o comando policial faz provocações

# Exploração no grupo Folhas: correspondente ganha Cr\$ 500

São os correspondentes que enviam diariamente, de todos os cantos do país, as informações que alimentam e enxertam as páginas das grandes publicações nacionais. No caso da empresa Folha da Manhã S.A., que edita, além de "Folha de São Paulo", a "Folha da Tarde", "Notícias Populares", "Gazeta Esportiva" e "Cidade de Santos" (um jornal para cada gosto, do mais reacionário passando para um sanguinário ao de aparência mais liberal), os correspondentes são muito mais importantes ainda, ou, pelo menos, deveria ser assim.

Porém, a consideração da empresa para com os correspondentes não existe. É desprezível e absurda. Cada correspondente, com poucas exceções (no Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre e outras capitais), ganha tão somente a irrisória (e bota irrisória nisso) quantia de Cr\$ 750 (por mais absurdo que possa parecer, setecentos e cinquenta cruzeiros), isto os que trabalham nas capitais; para os que trabalham no interior, a empresa paga Cr\$ 500 (quinhentos cruzeiros).

Para completar um salário, se é que se pode chamar isso de salário, a empresa criou uma série de subterfúgios e artifícios como pagar uma pequena ajuda de aluguel, alguns gastos com gasolina e, de uns tempos para cá, um salário mínimo como operador de telex. Para se ter uma idéia mais clara da política salarial posta em prática pela Folha da Manhã S.A. em relação aos correspondentes, nos quatro anos que trabalhei efetivamente como correspondente para o jornal "Folha de São Paulo" e, de quebra, para os demais jornais do grupo, só a ajuda



para despesas com gasolina foi reajustada de Cr\$ 2.000 em 1978 para Cr\$ 4 mil (quatro mil cruzeiros) em 79 e Cr\$ 12 mil em 81. A "ajuda de aluguel" só foi reajustada uma única vez em quatro anos: de Cr\$ 1 mil para Cr\$ 2 mil. Enquanto isto, o tal "pro-labore" continuou sendo os mesmos Cr\$ 750, que permanece inalterado até a presente data.

Com isso, a empresa se desobriga de assinar carteira de trabalho, deixa de recolher FGTS, faz uma tremenda economia ao não pagar salários reais, enquanto, por outro lado, os corres-

pondentes das pequenas capitais e do interior não gozam dos benefícios trabalhistas e são vítimas de uma exploração vergonhosa. São 360 correspondentes nessas condições em todo o Brasil. Eu sou um desses.

Diante desta situação injusta, escrevi uma carta à direção da empresa em janeiro de 1982, solicitando assinatura da carteira, salário compatível com a profissão (exigi o piso mínimo da categoria) e uma indenização relativa aos quatro anos de direitos não usufruídos.

A direção da empresa não se manifestou. Pelo contrá-

rio, deixou de efetuar até mesmo o pagamento de qualquer despesa em relação ao telex, que continua instalado até hoje em minha residência. Como represália, decidi manter - como mantenho até hoje - o aparelho em minha casa e só o entreguei com ordem judicial, o que me permitirá expor as reivindicações a que tenho direito. Fica mais fácil compreender, assim, o "império econômico dos Frias (os proprietários da empresa Folha da Manhã), que a cada dia aumenta mais. (José Calixto de Alencar, Cuiabá - MT)

O grupo "Folhas", que tenta passar pelas páginas de seu principal periódico "Folha de São Paulo" uma imagem progressista, mantém a mais desavergonhada exploração sobre seus correspondentes. Uma carta de nosso leitor de Cuiabá mostra que a empresa Folha da Manhã S.A. paga um ridículo salário de Cr\$ 500 aos correspondentes do interior. Companheiros, o Fala o Povo tem seu espaço aberto para denunciar todo tipo de arbitrariedades. Mande também a sua carta. (Olivia Rangel)



## Associações de moradores do Paraná farão congresso em 86

Depois de uma reunião tumultuosa realizada no dia 27 de outubro, visando unificar o movimento das associações de moradores no Paraná, foram tomadas medidas que possibilitarão o avanço do movimento. A assembléia escolheu uma comissão ampla para convocar e organizar o congresso unitário das Associações de moradores de nosso Estado a ser realizado em Campo Mourão na primeira semana de abril de 1986. Assim, a manobra encabeçada pelo sr. Silvino junto ao falso Conselho das Associações de Moradores do Paraná, ao tentar manipular o encontro e proibir a livre manifestação das associações, não deu resultado.

Como eleger uma diretoria sem antes debater e aprovar o programa de lutas? Desta forma, foi muito importante para o movimento a combatividade e a firmeza com que os companheiros impediram as manobras da mesa, igualmente foi correto lutar firmemente pela eleição de uma mesa que correspondesse à realidade do movimento e o conjunto das entidades presentes.

O sr. Silvino e seu grupo convocou uma parcela pequena do movimento das associações de moradores para participarem do autointitulado "I Congresso das Associações de Moradores do Paraná". A convocação foi extremamente falha, pois queriam, os organizadores, excluir entidades bastante representativas do movimento de moradores. Queriam, na verdade, solapar e dividir ainda mais o movimento popular.

Os organizadores, desde o início do congresso, quando viram que seu grupo era minoritário, procuraram de todas as maneiras impedir que o plenário usasse da palavra, certos de que seriam derrotados. Ao meio dia o congresso ainda não havia se iniciado e suspenderam os trabalhos. Com o tumulto que se criou, vários representantes de cidades do interior abandonaram o congresso.

Tornou-se impossível, da forma como foi organizado esse congresso, debater e aprofundar o estudo sobre as lutas e as reivindicações do movimento popular. Os organizadores colocaram como primeiro ponto a ser debatido as eleições. Isso estava errado, demonstrando que estavam interessados apenas em serem eleitos e ter uma entidade para servir a seus interesses políticos e pessoais.

Diante disso uma comissão que realmente luta pela união de todas as forças vivas do movimento popular, com um grande esforço, conseguiu reaglutinar a maioria das caravanas do interior e da capital. Num clima democrático elegemos uma nova mesa para dirigir os trabalhos. Transformamos o congresso em uma grande assembléia, onde foi eleita uma comissão composta por representantes de todas as cidades presentes para organizar um novo congresso para criar a Federação Estadual das Associações de Moradores.

(Graciliano da Silva Dias, da comissão organizadora eleita para o congresso - Curitiba, Paraná)

## Juventude luta pela reforma agrária

Finalmente o presidente Sarney assinou o Plano Nacional de Reforma Agrária. Cedendo às pressões dos grileiros, fazendeiros e latifundiários, transformou o PNRA em uma referência utópica à Reforma Agrária, executando inúmeras alterações no seu conteúdo.

Enquanto isso, dezenas de camponeses, inclusive mulheres e crianças, são brutalmente assassinados semanalmente pelos "donos da terra", numa verdadeira guerra desigual e invisível, não havendo nenhuma punição para os criminosos.

Os verdadeiros patriotas e democratas não podem se calar diante de tal situação. Ou lutamos para destruir a praga do latifúndio para gerar o desenvolvimento e o progresso em nossa nação ou continuaremos convi-



vendo com a falta de alimentos a preços acessíveis, de trabalho para os habitantes das áreas rurais, com a saída

de milhões de camponeses para as periferias das grandes cidades, vivendo nas favelas em plena miséria,

sem as mínimas condições de vida.

Nunca tivemos a ilusão de que através de decretos e de reformas os trabalhadores irão conseguir sua verdadeira libertação. Vamos nos unir para varrer os resquícios do fascismo militar, para manter as conquistas obtidas, para garantir a transição democrática. Mas não podemos nos iludir com a burguesia no poder, nem nos capitular perante os bárbaros assassinos de honestos trabalhadores.

Queiram ou não nossos inimigos, o povo organizado conquistará a Reforma Agrária ampla, radical e antilatifundiária para garantir terra, trabalho, pão, paz e liberdade para todos. (Setor Jovem do PMDB de Paratinga, Bahia)

## Pároco afronta cultura do nosso povo

A juventude de Mineiros vem através desta levar ao conhecimento da opinião pública de Goiás a forma imperialista com que os padres beneditinos (todos norte-americanos) vêm marcando sua atuação parvoqual aviltando a nossa cultura e afrontando a soberania de nosso povo.

Ao promoverem o "Dia da Juventude", o fazem de maneira hostil à cultura bra-

sileira, pois tentam impingir ao nosso meio valores culturais que nada têm a ver com nossas raízes e tradições. Em lugar de homenagear nossos artistas populares como Luís Gonzaga, Clementina de Jesus, Waldir Azevedo, etc., preferem destacar o "papa" do rock universal Elvis Presley, além do som da geração alucinada tipo "new wave", e toda essa baboseira enlatada que aqui

é convertida em dólar para retornar ao bolso insaciável do Tio Sam.

Como se não bastasse esse atentado à nossa cultura, Dom Erick, pároco da cidade, resolveu eletrificar, há um ano, a área que circunda o seu mosteiro para impedir o acesso do povo faminto à sua plantação de milho. Sua usura provocou um grave acidente, quando uma criança ficou presa aos fios.

Em julho passado, o mesmo pároco se negou a celebrar o casamento de Geovani e Daniela simplesmente porque a mãe da noiva teve a "ousadia" de ornamentar a igreja por conta própria, dispensando as flores vendidas pela paróquia a preços extorsivos. Como brasileiros não podíamos ficar omissos diante de tamanha provocação. (Juventude Estudantil de Mineiros, Goiás)

## Prefeito de Araguaína não apóia cultura

Lamentavelmente a cidade metrópole do norte de Goiás, Araguaína, não conhece o recém-criado Ministério da Cultura. Prova disso é que assistimos a um grande evento cultural na principal praça da cidade, onde o povo compareceu em massa, sem que qualquer órgão oficial tenha dado o ar de sua presença.

O grupo que organizou e realizou o movimento, a NAATIVA, procurou o prefeito com uma certa antecedência, para que o mesmo não pudesse alegar que o

evento foi organizado de última hora. Apesar da não contribuição financeira do senhor prefeito, o evento cultural se realizou com muito sucesso e aceitação do público.

Ficou provado que o senhor prefeito não tem espírito artístico e cultural. Ele se negou a ajudar financeiramente os artistas de sua cidade. Araguaína está com uma imagem denegrada devido aos atos de violência

que tem se verificado, como os conflitos de terra, atestado a bala contra o vereador Edmundo Galdino etc. Podemos dizer que os artistas podem dar uma contribuição importante para elevar o nome de nossa cidade, inscrevendo-a entre as que estão preocupadas em desenvolver a sensibilidade artística e cultural de nosso povo.

(M. Castro, artista de Araguaína, Goiás)

## "Paraíba" proíbe reunião de mulheres

Queremos denunciar algumas arbitrariedades que ocorrem em nosso povoado de Igarapé Grande, no município de João Marinho. Aqui no povoado moram a senhora Aldenoura e o senhor Balbino, mais conhecido por "Paraíba", ligado ao prefeito João Gusmão. "Paraíba" não tem o apoio da comunidade, por isto juntou-se à senhora Aldenoura. Eles resolveram "ajudar" na construção de uma capela católica na comunidade. Mas o resultado é que agora eles querem mandar nesta casa.

a única casa de que dispomos para fazer reuniões. Já proibiram duas reuniões, uma do grupo de Jovens outra do Clube das Mães. Alegam que as duas entidades são comunistas e, por isto, não podem fazer reunião na Igreja.

Já não querem que o povo se reúna na capela para tratar de assuntos do interesse da própria comunidade, sendo esta

No último dia 6 de outubro, as mães fizeram sua reunião debaixo de uns pés de mangueiras, com mais de 100 mulheres, sendo que algumas chegaram a chorar de revolta diante da arbitrariedade do "Paraíba". Elas também decidiram marcar outra reunião, que vai ser realizada na Igreja, der no que der. (W.S.B., D.S.R. e Z.D. - Igarapé Grande do João Marinho - Maranhão)

## A Caixa Econômica parou em Montes Claros

Aconteceu em Montes Claros (MG), no último dia 30, uma paralisação da agência local da Caixa Econômica Federal por 24 horas e que contou com adesão de cerca de 95% dos funcionários. Em carta aberta à população os economistas dizem estar "em estado de alerta, podendo brevemente recorrer à greve caso se mantenham a intransigência e a ausência de diálogo por parte do governo".

cário por parte dos estagiários que foram forçados a trabalhar sob pena de perder o estágio.

As 6 horas da manhã cerca de 60 pessoas concentraram-se na porta da agência numa manifestação pacífica tentando convencer os dirigentes a não realizar o fechamento da Caixa, já que houve um atendimento pre-

O único incidente ficou por conta do forte aparato policial montado para tentar impedir a concentração. O Partido Comunista do Brasil soltou nota à população manifestando o seu apoio às reivindicações da categoria. Foi o único partido que esteve presente à manifestação e que se solidarizou publicamente com os colegas, mostrando o seu apoio e simpatia dos funcionários e populares presentes.

(do correspondente em Montes Claros, Minas Gerais)

# Sidney Sheldon, ilusões escritas sob encomenda

Autor de *O reverso da medalha*, *Um estranho no espelho*, *A herdeira* e *O outro lado da meia-noite* (este, levado às telas dos cinemas), Sidney Sheldon é um dos escritores mais lidos do nosso país. Além das livrarias, seus livros invadem também as bancas de revistas. "Sempre estou em primeiro lugar nas listas dos mais vendidos nos países em que meus livros são publicados", comentou, envaidecido, o escritor norte-americano durante sua passagem pelo Brasil há alguns meses.

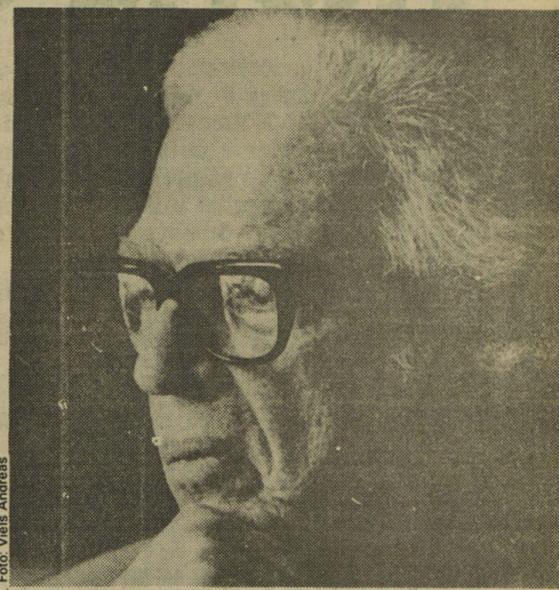
Sheldon é o responsável também por séries para a televisão, como "Jeannie é um gênio" e "Casal 20". Suas obras envolvem o leitor, principalmente o jovem, com dramas violentos mas quase sem profundidade emocional. O segredo de seu sucesso não está no baixo custo dos livros - apenas uns poucos, como *A herdeira*, tiveram edições populares, com preços mais acessíveis ao grande público.

Suas tramas transcorrem em meio a piscinas sensacionais, imensas mansões, aviões particulares, ilhas particulares, corruptos generosos com as mocinhas sonhadoras e bonitas, pois feia é algo proibido nos livros de Sidney Sheldon. Em tudo há um exagero ridículo. É como no seriado do "Casal 20". Sheldon foge dos limites reais da existên-

cia humana, tudo envolto em suspense e lances espetaculares.

Os leitores são seduzidos por obras onde conta-se a história da pobre menina que queria ser famosa atriz de cinema em Hollywood e vende-se a todos os diretores e produtores até alcançar seu objetivo e descarregar sua vingança sobre os que lhe dificultaram o caminho. (*Ira dos Anjos*). A este enredo acrescenta-se algumas pitadas de seqüestros, mortes, atentados, fuzilamentos.

Seus personagens principais são sempre assim: o maior construtor de navios do mundo, o maior fabricante de aviões do mundo, o maior fabricante de móveis do mundo etc. O ambiente é decadente, com venda de



Sheldon: milhões de livros vendidos em todo o mundo

mulheres para uma nota na coluna social, exploração do homossexualismo. As mulheres na literatura de Sidney Sheldon, são exageradamente belas - tanto que quando há versão para o cinema ou tevê de suas obras, há uma certa dificuldade em encontrar atrizes que se encaixem na beleza

física descrita nos livros. Os homens, mais ainda.

Suas obras, mesmo que proporcionem algum lazer quando lidas, são absolutamente esquecidas após o livro ser fechado. Um fabricante de ilusões. Uma fórmula editorial que rende milhões. (Miriam Caseiro)



Seleção em treinamento: será que até a Copa a CBF convoca outra?

## Vamos para o México só não temos seleção

Faltando menos de oito meses para o início da Copa do Mundo, o futebol brasileiro está órfão, viúvo e abandonado pela sorte e pelos anjos. A CBF está em vésperas de eleição, a seleção não tem técnico definido e não se reúne desde as eliminatórias. E para completar, os nossos melhores craques estão contundidos ou no banco de reservas de seus clubes.

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) renova sua diretoria no próximo mês de janeiro, em eleições onde votam os presidentes das Federações estaduais. Até lá, a seleção que irá ao México disputar o Mundial é apenas abstração na cabeça dos torcedores, que não sabem sequer o nome do técnico que a comandará. Giulite Coutinho, atual presidente da CBF, quis contratar Telê Santana logo após as eliminatórias, mas não conseguiu convencer o técnico a trocar os dólares da Arábia por um compromisso inseguro da CBF que pode ser rompido pela nova diretoria.

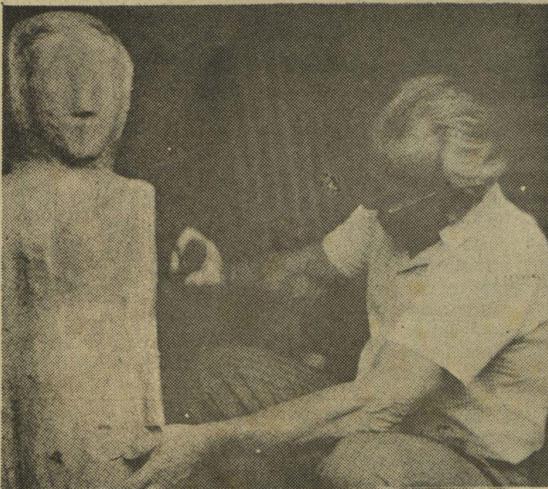
Vencendo André Medada, apoiado por Giulite e por João Avelange, presidente da FIFA, é provável que Zagalo volte ao cargo que perdeu em 74, reprovado pela unanimidade nacional. Minelli e Cilinho reúnem boas chances, caso vença o candidato "classista" que a maioria dos presidentes de Federações se comprometeram a indicar e apoiar em bloco,

durante encontro recentemente realizado em Salvador. Classista porque o nome a ser apoiado deverá ser pensado entre os que ocupam cargos de direção nas Federações.

Mais desesperançados e mais confusos ficam os torcedores quando lêem nos jornais as escalações dos grandes times, sempre desfalcados dos nossos grandes astros. Zico levou uma porretada de um açougueiro da zaga do Bangu e ficará longe da bola até janeiro do ano que vem, Sócrates contundiu-se num treino e permanecerá o mesmo período afastado dos gramados. Falcão, trazido de Roma para o Morumbi a peso de ouro, enfrenta uma amarga reserva no banco do São Paulo, barrado pelo futebol enxuto de Müller, Silas e Márcio Araújo e pelo exibicionismo de Cilinho, técnico do time. Éder, indisposto com a direção do Atlético Mineiro por problemas disciplinares, cumpre temporada na humilde Internacional de Limeira, 10ª colocada no Campeonato Paulista deste ano.

O brasileiro é, tradicionalmente, um torcedor de tipo especial, principalmente o de futebol. Não há adversidade que afaste dele a expectativa de vitória no início de cada Copa do Mundo, e mesmo quando derrotado escapa logo do abatimento - comemorando o "título moral", como em 78, ou chorando "o azar e a fatalidade", como na Espanha em 82. Mas desta vez, vendo por exemplo a Argentina, que vem se preparando desde as eliminatórias, reunindo-se três dias por semana para treinamento, os Pachecos, Zés Galera, Geraldinos e Arquibaldos estão com medo de gastar dinheiro à toa com bandeiras e rojões. E o futebol, que antes era visto como de "outra galáxia", periga ser chamado "futebol de outra encarnação". Infelizmente. (Jessé Madureira)

## A arte nas mãos de Herculano Galvão



Herculano retira da madeira a expressão de suas obras

Entre os dias 7 e 30 de novembro, São Paulo tem a oportunidade de conhecer a arte do entalhador folclórico Herculano de Barros Galvão, de Capão Bonito, cidade do Vale do Ribeira, São Paulo. Herculano é conhecido pela sua produção de modelagem em barro. Arte folclórica, surgida do dia a dia do povo, sua beleza espontânea merece ser vista.

Ferreiro aposentado, Herculano começou a entalhar madeira há seis anos. A grande paixão do artista, surgida de sua observação do cotidiano, são as mulheres. Sempre ricas em detalhes, insinuando movimentos,

elas foram-se aperfeiçoando, ganhando braços e roupas, até se transformarem em bailarinas.

Herculano não vende suas peças. Talvez exatamente pela naturalidade e espontaneidade com que surge de suas mãos - a mesma que impede que de sua boca saiam as palavras arte ou artista. Mas a importância de sua obra, valorizada pela beleza da gabiroleira, pelas formas que dela o entalhador extrai, valem uma visita à exposição, que fica no SESC da rua do Carmo, 147, Centro, São Paulo.

(Sílvia Queiroz)

LIVROS - REVISTAS - POSTERS  
POSTAIS - DISCOS - CAMISETAS  
EXPOSIÇÕES

**ARTE PAU BRASIL**  
ESPAÇO ALTERNATIVO

RUA VERGUEIRO, 923 - PARAÍSO - SP  
(FRENTE AO CENTRO CULTURAL SP)  
Fone: 279-0147 - CEP 01504  
SEG. A SÁB., 10 AS 23 HS.  
DOM. 16 AS 23 HS.

### ESTUDE O MARXISMO-LENINISMO

MARX	Formações econômicas pré-capitalistas	Cr\$ 21.200
	Salário, preço e lucro	Cr\$ 10.400
	Trabalho assalariado e capital	Cr\$ 9.200
ENGELS	Dialética da natureza	Cr\$ 34.000
	Do socialismo utópico ao socialismo científico	Cr\$ 14.300
	Origem da família, da propriedade privada e do Estado	Cr\$ 44.000
LENIN	O trabalho do partido entre as massas	Cr\$ 20.000
	As 3 fontes e as 3 partes constitutivas do marxismo	Cr\$ 15.000
	Imperialismo, fase superior do capitalismo	Cr\$ 23.200
STÁLIN	Problemas econômicos do socialismo	Cr\$ 20.000
	Questões políticas	Cr\$ 12.000
	Materialismo dialético e materialismo histórico	Cr\$ 11.700
ENVER HOXHA:	Albânia - 40 anos desbravando a história	Cr\$ 10.000
	Reflexões sobre China - 2 volumes - cada vol.	Cr\$ 20.000
	Discurso aos eleitores	Cr\$ 3.000

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante o envio de cheque nominal ou vale postal para Editora Anita Garibaldi Ltda. - Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1.511 - CEP 01317 - São Paulo - SP

### "Cabra Marcado" no Cineclube do C.C.O.

Dia 9 - 19:30 hs.  
Cabra Marcado Para Morrer  
Diretor: Eduardo Coutinho - Brasil - 1963-1984

Dia 16  
Caçadores da Arca Perdida  
Diretor: Steve Spielberg  
EUA - 1983 - colorido.

Dia 23  
Desaparecido (Missing)  
Diretor: Costa Gravas  
França - 1980 - colorido  
Debate com a participação do Comitê de Solidariedade ao povo chileno.

Dia 30  
Os cinco últimos dias  
Diretor: Percy Adlon  
Alemanha - 1979 - colorido (16mm)  
Após o filme haverá debate sobre o tema "A juventude e a liberdade", com a presença do coordenador nacional da UJS, Aldo Rebelo.  
Preço: Cr\$ 2.000 sócio; Cr\$ 1.000

O cineclube do CCO fica na Rua Maria José, 326 - Bela Vista - S. Paulo, próximo à avenida Brigadeiro Luis Antônio. Telefone: 35.7266.

O diretor Coutinho entrevista os personagens do seu filme

## Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 23, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.  
Telefone: 36-7531 (DDD 011)  
Telex: 01132133 TLOBR  
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.  
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luis Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.

AMAZONAS - Manaus: Rua Simom Bolívar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000.

BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.  
Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro CEP 44100.  
Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600.  
Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua América Alves, 6-A - CEP 44060.  
Paralimã: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500. Salvador: Rua Independência, 27 - Centro - CEP 40000.  
Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimes) - CEP 43700.

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Vendício IV, sala 312 - CEP 70302.

CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 63500.  
Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.

ESPIRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Mon-

teiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300.  
Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.  
GOIÁS - Goiânia: Rua 3, nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100.  
MARANHÃO - São Luís: Rua do Egípcio, 76 - Centro - CEP 65000.  
MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.

MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.  
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.  
PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.

PARAÍBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000.  
Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar - CEP 58100.

PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428, Fone: 234-7484, CEP 80000.  
Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86160.  
PIAUI - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000.

PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigiário Batista, 236, CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua do Sossó, 221, Boa Vista - CEP 50000.  
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - Cidade Alta - R.N. CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000.  
Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: Rua

Andrada Neves 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoelinas: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: Rua Dr. Borzano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100.  
Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200.

RJ: Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s/ 23, 2º andar.  
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 504 - CEP 20000. Niterói: Av. Amaral Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000.

SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000.

SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravia, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Aveilar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Antônio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200.  
SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovidio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up e Fotolito. Litaria Fotolitos Ltda. Fone: 279-3646. Impressão Cia Jorjex. Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore para o fortalecimento da imprensa operária.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) Cr\$ 160 mil  
 Anual popular (52 edições) Cr\$ 80 mil  
 Semestral (26 edições) Cr\$ 80 mil  
 Semestral popular (26 edições) Cr\$ 40 mil  
 Trimestral (13 edições) Cr\$ 20 mil  
 Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome: .....  
 Endereço: .....  
 Bairro: .....  
 Cidade: ..... CEP: .....  
 Estado: .....  
 Profissão: .....  
 Data: .....

Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi, Rua Adoniran Barbosa, 23, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318.

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Vitória da greve unificada

Com apenas dois dias de paralisação, a greve unificada dos trabalhadores paulistas obteve uma significativa vitória. Cerca de 462 mil assalariados de diversas categorias - metalúrgicos, químicos, marceneiros, comerciários e outras - aderiram ao movimento paretista. E os empresários, que esbravejaram dizendo não conceder mais nada, tiveram que recuar. No final da movimentação, na noite do dia 6, os operários fizeram a festa.

A maior comemoração se deu entre os metalúrgicos da capital, que saíram em passeata pelas ruas centrais da cidade para divulgar sua vitória. "Greve geral arrancou o trimestral", gritavam os aguerridos grevistas. A alegria não era para menos. Afinal, há seis anos que a classe não realizava uma paralisação geral - ocorreram apenas paradas isoladas.

A categoria, estratégica e a mais numerosa (com 330 mil na base), teve papel decisivo na movimentação unitária. Além de parar quase totalmente o setor - cerca de 80% aderiram -, ainda ajudou a fechar indústrias químicas, de plásticos e até padarias, utilizando-se dos inúmeros e gigantescos piquetes.

A Fiesp (entidade patronal) não acreditava no êxito da paralisação no dia 5 e muito menos no seu prosseguimento na quarta-feira. Tanto que Roberto Della Manna, negociador dos empresários, falou com arrogância: "Ninguém vai parar... A Fiesp não vai ceder mais nada". Mas já no dia 6, antes do início das assembleias dos grevistas, chamou o Sindicato dos Metalúrgicos para apresentar uma nova contra-proposta.

A proposta final dos patrões prevê algumas melhorias com relação à que foi rejeitada e rasgada na assembleia do dia 31 (veja TO nº 241). Quanto à redução da jornada de trabalho, os metalúrgicos passarão a trabalhar 45 horas já a partir de janeiro. Com relação ao trimestral, a Fiesp teve que fixar também o reajuste de agosto (na proposta original ela só concedia o reajuste de fevereiro). O

aumento real foi mantido em 12%, além do INPC integral, e houve uma pequena melhoria no piso.

Os doze oradores que falaram na assembleia da praça Clóvis, com cerca de 7 mil grevistas, defenderam a assinatura do acordo e o retorno ao trabalho. A paralisação foi considerada por todos como uma grande vitória. Os próprios ativistas da CUT, que têm como rotina desgastar o sindicato, propuseram o fim da greve na manhã do dia 6.

## "Acumular as forças para próxima luta"

Conforme destacou Eustáquio Vital, diretor do Sindicato, "não conquistamos tudo o que queríamos. Mas essa não é a guerra final da classe operária contra os capitalistas. É apenas uma batalha. E nessa nós saímos vencedores, mostramos o nosso poder. Agora é partir para acumular mais forças, evitar qualquer represália às lideranças nas fábricas, e preparar os próximos combates para arrancar as 40 horas semanais".

Quando a proposta foi colocada em votação, todos levantaram as mãos, aplaudiram e gritaram "Trabalhador unido, jamais será vencido". Depois, por sugestão da direção sindical, saíram em passeata até a Praça da Sé. Os operários estavam radiantes de alegria. Não tanto pelas conquistas econômicas; muito mais pela demonstração de força, pela



Depois de aprovar por unanimidade o fim da greve, cerca de 7 mil metalúrgicos saíram em passeata para comemorar a vitória da classe operária.

## A luta que mobilizou 462 mil trabalhadores

Segundo levantamentos dos sindicatos, mais de 462 mil trabalhadores participaram da greve unificada. No total, onze bases sindicais estiveram envolvidas. Um rápido balanço mostra o saldo positivo da mobilização.

### SALDO POSITIVO

Os metalúrgicos da capital paulista utilizaram-se dos piquetes para paralisar as 10 mil empresas dispersas pela cidade. As maiores fábricas pararam já na segunda-feira à noite. Só na Zona Sul calcula-se que foram formados mais de 30 piquetes, alguns com até 10 mil grevistas. No dia 6, o índice de paralisação se manteve. Em algumas empresas, devido a repressão interna, houve retorno parcial ao trabalho. Em compensação, várias pequenas e médias aderiram à greve.

A adesão também foi surpreendente entre os metalúrgicos de Guarulhos. Devido a precipitação de ativistas da CUT, a Ford (com 4.800 funcionários) parou no dia 30, o que antecipou a decretação da ilegalidade pelo TRT. A multinacional aproveitou para demitir 150 ativistas no mesmo dia. Houve um único incidente grave com a PM, na Manesman, com o ferimento de cinco operários - um soldado levou uma pedrada e outro chorou quando o comandante deu ordens de reprimir. A greve durou até a manhã de quinta-feira, e os 3 mil metalúrgicos aprovaram o mesmo acordo da

capital.

Os metalúrgicos de Santos paralisaram totalmente a Cosipa - a principal fábrica da baixada santista, com cerca de 10 mil empregados. Só alguns alto-fornos funcionaram, por decisão dos próprios grevistas. A PM investiu, ferindo inclusive um dirigente sindical. A categoria conquistou 8% de reposição salarial e o discriminatório aumento de 10% para a chefia foi suspenso. O DRT julgou legal a greve, encerrada na quarta-feira com festa.

Já entre os químicos da capital paulista a paralisação não atingiu o nível desejado. O acordo aprovado é inferior ao dos metalúrgicos, prevendo um aumento real de 11,6 e uma redução da jornada parcelada, para 46 horas.

Estranhamente, o mesmo ocorreu na mobilizada categoria dos químicos do ABC. Na Glasolit a PM agiu com violência contra os piquetes e a empresa suspendeu um diretor de base do sindicato. As informações sobre a greve dos químicos de Campinas ainda são esparsas.

Entre os trabalhadores na indústria de plásticos a mobilização foi considerada vitoriosa.

Há mais de 20 anos não ocorria greve no setor e até bem pouco tempo o Sindicato estava nas mãos de uma diretoria imobilista. O acordo firmado é basicamente o mesmo dos químicos.

Os padeiros da Grande São Paulo, apesar da dispersão da base, conseguiram um bom nível de adesão à greve - graças a atuação intensa dos piquetes. Ela foi encerrada com um acordo que prevê uma reposição salarial de 10%, além do INPC integral, e a antecipação trimestral.

Já os marceneiros pararam apenas no dia 5, numa greve de solidariedade às demais categorias em luta. A mobilização serviu também para fortalecer a campanha salarial, com data-base em dezembro.

Os comerciários do ABC, que realizaram sua primeira greve, decidiram suspendê-la na quarta-feira. Ainda não houve acordo salarial. Foi grande a repressão e ocorreu um certo esvaziamento da paralisação.

Por último, os médicos dos postos de saúde e de nove hospitais cruzaram os braços no dia 31. A greve continua, aguardando a resposta do governo.

### O quadro da paralisação

CATEGORIA	BASE	GREVISTAS	ADESAO
Metalúrgicos de São Paulo	330 mil	270 mil	81,8%
Metalúrgicos de Guarulhos	60 mil	45 mil	75,0%
Metalúrgicos de Santos	15 mil	12 mil	80,0%
Químicos de São Paulo	63 mil	25 mil	39,7%
Químicos do ABC	35 mil	12 mil	34,3%
Químicos de Campinas	10 mil	4 mil	40,0%
Plásticos de São Paulo	42 mil	15 mil	35,7%
Padeiros da Grande São Paulo	42 mil	25 mil	59,5%
Marceneiros	30 mil	10,3 mil	34,3%
Comerciários do ABC	42 mil	38 mil	90,5%
Médicos de São Paulo	8,4 mil	6 mil	71,4%
TOTAL	677.400	482.300	68,2%



O deputado-operário esteve nos piquetes em Santo Amaro

## Aurélio fala da atuação destacada dos comunistas

O deputado federal Aurélio Peres, do Partido Comunista do Brasil, teve presença destacada na greve. Rompeu a madrugada nos piquetes nas fábricas de Santo Amaro e ajudou a impedir confrontos desnecessários. Evitou, por exemplo, a provocação do capitão Nóbrega na Metal Leve.

Satisfeito com o desfecho da movimentação, Aurélio falou à Tribuna Operária. Na sua opinião, "a greve, principalmente a dos metalúrgicos, vai ter grande reflexo no movimento político e sindical brasileiro. Ela conseguiu arrancar um acordo que, se não é bom de tudo, representa um avanço comparado ao conquistado em todo país até agora".

Na avaliação dos comunistas, "o fato mais positivo da greve é que ela elevou o nível de consciência e organização da classe operária. Provou que é só com luta que se obtém conquistas e que a greve é um instrumento eficaz". Aurélio ainda ressalta "o poder da unidade dos trabalhadores, que jogou por terra a artificial divisão sindical", e a maturidade dos trabalhadores, "que souberam encerrar o movimento na hora certa, evitando o seu esvaziamento e voltando

para as fábricas de cabeça erguida".

### ATUAÇÃO DO PC DO B

Para o deputado comunista, "o PC do B se saiu muito bem nesta greve. Defendeu desde o início a justiça da paralisação, argumentando que este era o momento oportuno para conquistar melhorias das empresas em crescimento. Além disso, mostrou sua capacidade de combate, com seus militantes sindicais a frente de grandes piquetes. Apesar da nossa falta de recursos, distribuimos milhares de panfletos e broches pelo trimestral".

"A receptividade da classe operária a nossa atuação foi grande", comenta Aurélio. "O partido já é muito respeitado na base metalúrgica e saiu ainda mais fortalecido. Mesmo os ativistas que tem divergências políticas conosco, não tem argumentos para criticar a nossa ação combativa". Por último, Aurélio aproveitou para criticar a atuação dos revisionistas. "A greve serviu para desmascarar o tal do PCB, que trabalhou contra a greve e traiu os interesses da classe operária mais uma vez".

## Os reflexos sindicais da paralisação

A greve terá profundos reflexos no movimento operário e sindical brasileiro. A Conclat (Coordenação Nacional das Classes Trabalhadoras), por exemplo, saiu fortalecida do embate. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, principal entidade ligada à Conclat, foi o carro-chefe da greve. A própria articulação sindical nacional, por sua vez, apareceu mais na movimentação paretista - confeccionou cartazes e centenas de bandeiras, produziu um jornal mural diário em apoio aos grevistas, colocou carros, aparelhagem de som e ativistas para ajudar na paralisação.

## "Podemos dar um salto de qualidade"

Neleu Alves, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, prevê que agora "o sindicalismo poderá dar um grande salto de qualidade". Ele exemplifica a partir da sua entidade. "O Sindicato vai perder um pouco daquela marca assistencialista. Vai ficar mais caracterizado como um órgão de luta de classe". Neleu lembra dos milhares de novos ativistas que participaram dos piquetes e concentrações. "É uma turma nova, surgida no fogo da batalha, cheia de coragem. Enfrentou chefias, PMs, fura-greves. Agora, querem se sindicalizar, participar da vida sindical, organizar sua fábrica para as novas lutas, engajar-se na política".

**CDM**  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Fábrica vazia: os trabalhadores piquetaram a fábrica para não voltar ao trabalho.